

O E S S E N C I A L S O B R E

Natália Correia

Luiz Fagundes Duarte



N IMPRENSA
NACIONAL

EDITORA
LIVRARIA EDITORA
LUCAS & CIA. S.A.

O ESSENCIAL SOBRE

Natália Correia

O E S S E N C I A L S O B R E

Natália Correia

Luiz Fagundes Duarte

*De Eva a mulher astronauta
vivo todas as idades,
um fausto de lua lauta
no brilho das brevidades.*

Natália

Índice

- 9 **O que aqui se segue...**
- 11 **Prólogo**
- 21 **As três Natálias**
- 27 *O Microfone*
- 35 *A Persona*
- 37 «*Um ser escandalosamente livre*»
- 47 *O Ignotus*
- 47 «Da poesia a razão ignota»
- 51 «Se nos versos jogo a minha vida»
- 61 «No laranjal laranjedo»
- 65 «Vexar a decrépita misoginia»
- 71 «Pusestes a prémio minha rara edição»
- 87 **Cem anos de Natália**
- 117 **Epílogo**
- 121 **Bibliografia**
- 121 Os livros de Natália
- 124 Referências

O que aqui se segue...

... não é um livro académico, nem tampouco de crítica e análise literárias, e por isso não enverga os trajos que habitualmente ostentam os textos desse tipo. Com ele se procura — de acordo com o espírito da coleção em que se integra — captar um pouco daquilo que se poderá considerar o essencial de Natália Correia, esse ignotus de que ela, enquanto poeta, seria um microfone — tal como ela própria assumiu —, tendo como altifalante a persona pública que criou e alimentou.

Não é, também, uma biografia, até porque tal não caberia em tão poucas páginas: o leitor tem já ao seu dispor duas excelentes obras¹ recheadas de informações que satisfazem em pleno, cada uma no seu registo, o que escreveu Eça de Queiroz quando se discutia, em França, a bondade da publicação póstuma dos textos inéditos de Victor Hugo: «Ora — escreveu então Eça —, quantos mais documentos se

1 Martins, 2023; Rosa, 2023.

reúnem sobre um homem de génio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra. Para alargar e completar o conhecimento dos grandes homens, publicam-se-lhe as cartas, todos os papéis íntimos — até as contas do alfaiate.»²

O que aqui fica resulta, assim, de um entendimento pessoal da figura e da obra de Natália Correia, baseado em documentos e testemunhos. E, naturalmente, de escolhas. Os factos tidos por mais relevantes com ela relacionados e ocorridos entre 1923 e 2023 são enunciados no capítulo «Cem Anos de Natália».

Wrocław, Polónia, 3 de março de 2024

2 Queiroz, 1893.

Prólogo

Basta que se diga o seu nome próprio para que todos saibam de quem se trata: *Natália*. Acontece com poucos: digamos Bernardim, Camilo, Antero, Cesário, Amadeo, Sophia, Fiama — quem mais? —, e é (como afirmava o Rabecaz de *A Capital!* de Eça de Queiroz, referindo-se às luminárias do Romantismo europeu Victor Hugo e Lamartine) todo «um mundo» que se nos revela.

São, por isso, nomes essenciais — pelo que, no que diz respeito a Natália Correia, o assento que lhe caberá no cadeiral da nossa história cultural será identificado simplesmente por *Natália*, quando muito trazendo por baixo o designativo *Poéta* — assim, com acento, tal como se encontra no pedestal do busto que dela fez mestre Martins Correia:



Curiosamente, no que diz respeito à cidadã Natália de Oliveira Correia, há a convicção, hoje generalizada no Portugal mais atento e instruído, de que basta pronunciar-se o nome *Natália* para sabermos de quem é que se fala. Porém, tal não resulta de uma história acumulada e reconhecida de 50 anos de produção literária e de intervenção social e política num universo dominado pela visão masculina das coisas, e em que as mulheres notáveis eram quase sempre consideradas exceções;

pelo contrário, ela foi verbalizada já em 1944 — tinha Natália 20 anos de idade e ainda sem obra publicada — pelo jornalista, produtor e crítico literário Humberto de Mergulhão, numa crónica (e falsa entrevista) com o título «Uma Poetisa Açoreana Cantou na Emissora Nacional e é Locutora de Rádio Club Português», publicada numa página interior de *O Século Ilustrado*:

São três histórias distintas, que se resumem numa só: a da poetisa Natália Correia, a da cantora Célia Navarro e a da locutora Natália Dias Ferreira.

Aliás, apelidos e pseudónimos vão desaparecer por completo, para ficar apenas este nome — Natália!

E, fascinado com a pessoa — «o que é preciso é saber-se que a Natália existe» —, assim prosseguiu Humberto de Mergulhão por alguns parágrafos que vale a pena recordar:

Natália — símbolo de uma carreira artística, facetada mas não dispersa, pois os seus caminhos da poesia e da rádio convergem numa personalidade homogénea, cheia de sonhos e de promessas... que estão, já, a cumprir-se em grande parte.

Poderíamos começar assim a entrevista: — «Natália, a inspirada e original poetisa açoreana, cedeu a uma casa editora de Lisboa o seu primeiro livro de versos — “Rio de Nuvens” — que obterá, por certo, o êxito a que tem direito.»

Ou assim: — «Natália, depois de ter vencido, como cançonetista, ao microfone da Emissora

Nacional, abandona definitivamente os “slows”, trocando a arte da música pela arte das palavras.»

Ou ainda: — «Natália foi um dia aos estúdios da Parede, para dizer versos num dos programas açoreanos das segundas-feiras. E de tal modo atuou, de tal maneira a sua voz se impôs aos diretores e técnicos da estação, que logo a convidaram para estagiar como locutora.»

Poderíamos começar assim a entrevista... Mas a verdade é que ela não nos concedeu entrevista alguma. Pelo contrário: até nos pediu que não pensássemos nisso. Nós é que a fomos «construindo», distraída e insensivelmente, à medida que decorriam as horas de trabalho — de agradável trabalho — em comum.³

Dando como justificação o facto de Natália não ter aceitado dar entrevista ao jornal — «como a locutora não quer falar (ao jornal, bem entendido, que ao microfone fala todos os dias), damos a palavra à poetisa» —, Humberto de Mergulhão integra na sua crónica um poema inédito — «Aquela ilha esquecida» — «do seu próximo “Rio de Nuvens”», e que assim terá sido o primeiro poema de Natália a ser publicado.

Não será de somenos importância que uma jovem açoriana radicada em Lisboa, com apenas 20 anos de idade, que ainda não publicara qualquer livro ou sequer poemas soltos, e cuja emergência junto do público se resumia, até então, a ter sido, por breve tempo, cançonetista na Emissora Na-

3 Mergulhão, 1944. À época, a Rádio Club Português estava sediada na Parede.

cional (sob o pseudónimo de *Célia Navarro*) e a ter iniciado, recentemente, a atividade de locutora na Rádio Club Português (com o nome de casada, *Natália Dias Ferreira*), tivesse já de tal maneira formada a sua personalidade e reconhecidas as suas qualidades como poeta — a ponto de merecer esta certa e premonitória apresentação num jornal de referência e de circulação nacional, feita por um conceituado jornalista que reivindicava para si o estatuto (não de jornalista mas) de *colega* da sua entrevistada, a qual decidiu imitar assinando a crónica apenas com o nome próprio: *Humberto*.

O livro *Rio de Nuvens* só viria a ser publicado três anos mais tarde, ao que se diz à revelia da autora e por iniciativa de sua mãe, que fora entregando os originais ao poeta coimbrão José Campos de Figueiredo (1899-1965),⁴ que o organizou e prefaciou — utilizando critérios de inclusão e de exclusão de poemas que Natália viria a contestar, levando-a mesmo a bloquear a distribuição do livro, tendo ela, muitos anos mais tarde, já perto do fim da vida, decidido integrá-lo na edição da sua poesia completa, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*,⁵ mas alterando-o de modo a dar-lhe a configuração e os conteúdos por ela desejados e que haviam sido deturpados ou mal entendidos por Campos de Figueiredo. Não deixa de ser curioso,

4 Veja-se Martins, 2023, pp. 103-105.

5 *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, 1993; *Poesia Completa. O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, 1999. Daqui por diante, esta obra será sempre referida, nas notas, por *Poesia Completa*, sendo as citações feitas a partir da edição de 1999.

no entanto, que Humberto de Mergulhão já tivesse conhecimento, três anos antes da sua publicação, do conteúdo de um livro que a própria autora supostamente desconheceria — ou que ela lhe tenha disponibilizado o original de um dos poemas de um livro pelo visto já pronto e com título, mas de cuja preparação não estaria a par...

A biografia de Natália está bem provida de situações nebulosas como esta — e como estoutra: por exemplo, não sabemos quais foram as suas reais habilitações escolares, que não terão ido além do ensino secundário liceal, equivalente, em número de anos, ao atual 11.º ano de escolaridade:⁶ porém, o que interessa saber é que Natália foi uma autodidata que foi orientada pela mãe e, mais tarde, pelo amigo desta, o poeta Manuel Cardoso Marta, fora dos modelos e programas escolares — que, pelo visto, não lhe fizeram qualquer falta; tal como, na opinião dela, não o tinham feito a «Oliveira Martins, Alexandre Herculano, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, que não precisaram de ser *magísteres* universitários para serem enormes»⁷. Mas, no fundo, Natália não se sentiria muito confortável quando tinha de indicar as suas habilitações literárias: nos registos biográficos que, como

6 O Decreto-lei n.º 27.084, de 1936, reformou o ensino liceal, agora com a duração de sete anos, dividido em três ciclos: o primeiro e o segundo com a duração de três anos cada, e o terceiro com apenas um. Era esta a realidade à época em que Natália frequentou o liceu, pelo que, se ela tiver terminado o curso, as suas habilitações escolares seriam equivalentes ao atual 11.º ano. Mas não há documentos que o comprovem.

7 Sousa *et alii*, 2004, pp. 55-56.

deputada à Assembleia da República eleita por três vezes, teve de preencher, começou por indicar (em 1976 e 1987), no campo das habilitações literárias, que era «escritora», para depois (em 1980) declarar ser autora de «uma vasta obra traduzida no estrangeiro e estudos liceais e em institutos de línguas estrangeiras». ⁸ Mesmo sendo-se Natália, é complicado ser-se autodidata num país em que um grau universitário funciona como elevador social. Daí ter Natália, como sempre ao longo da vida, agido à sua maneira:

— Tomem lá!

Outro acontecimento estranho e documentalmente inexplicável tem que ver com a história subjacente a um dos seus livros de juventude, mas ainda assim um dos mais referidos no conjunto da sua obra, *Descobri que era Europeia* (1951), no qual Natália nos deixou as suas «Impressões de uma Viagem à América» (é o subtítulo do livro) em junho-julho de 1950, na companhia do segundo marido — William Creighton Hyller (outra história igualmente nebulosa, desde o casamento em Tânger [1949] até ao facto de o mesmo ter terminado precisamente durante esta viagem, e de o nome do marido nem sequer ser referido no livro...) —, e do que nessa viagem se passou (ou ela diz que se terá passado) ao longo de um périplo feito de comboio e autocarro que se iniciou em Boston e terminou em Nova Iorque, com passagens por Portland (Maine), Providence (Rhode Island), New Bedford (Massachusetts), Nova Iorque,

8 Martins, 2023, p. 42.

Washington, Virginia e Baltimore (Maryland). Durante esta viagem⁹, Natália teve direito a notícia no jornal *Boston Globe*, onde é identificada como «romancista e está a escrever uma série de artigos para o *Diário de Lisboa*», dormiu em hotéis de luxo e em outros assim-assim, reuniu-se com o líder do Partido Socialista dos Estados Unidos (ao que diz, a pedido de António Sérgio, na esperança de que aquele desse o seu contributo para a causa da luta contra o fascismo em Portugal), foi recebida por diretores de grandes jornais, professores universitários de renome, até por «um importante crítico literário do *New York Times*, e um dos mais famosos magnatas, conhecido como “o imperador de NY”», e terá mesmo tido acesso à Casa Branca e ao Departamento de Estado. Quase sem fôlego depois de seguir tantas andanças — de que não se deve excluir a viagem transatlântica de avião, de ida e volta, numa época em que ainda muito pouca gente viajava de avião, e para mais, no regresso, com direito a ser acompanhada até ao aeroporto de Nova Iorque por um alto funcionário do consulado de Portugal —, perguntamo-nos: como é que uma jovem de 26 anos, que fora cançonetista e locutora de rádio, que escrevia uns artigos para jornais portugueses que não eram jornais de referência, que apenas publicara três livros — dois romances politicamente programáticos (*Grandes Aventuras de um Pequeno Herói* e *Anoiteceu no Bairro*) e um livro de poesia (*Rio de Nuvens*) — que não haviam

9 Para o que aqui fica sobre esta rocambolesca viagem, veja-se Martins, 2023, pp. 133-140.

tido grande visibilidade nem êxito comercial, e que para mais participava em movimentos políticos de esquerda contra o Estado Novo —, como é que uma rapariga portuguesa, com este marcadamente ideológico mas ainda assim magro currículo literário, teve acesso a tanta gente importante nos Estados Unidos, onde o *macarthismo* começava a produzir efeitos, e a ser tratada quase como uma *star* internacional? Ora, não esqueçamos que então se vivia um turbulento pós-guerra, e que Portugal, com a sua estranha neutralidade, fora um ninho de espões de ambos os lados, pelo que fazem sentido as sugestões deixadas por Filipa Martins: ou o marido de Natália era «um agente qualquer secreto americano, que trabalhava em petróleo e que lhe arranja todos estes contactos» (citando Onésimo Teotónio de Almeida), e então Natália teria sido uma mera acompanhante do espião, condição essa que fora (acho eu...) operacionalmente acautelada pelo casamento com o americano — que se desarranjou precisamente durante a viagem e que terminaria em divórcio, tendo Natália tido de pagar uma avultada quantia em dólares para se livrar do marido o mais rapidamente possível (1951). Ou então ela viajara na sua qualidade de espiã-ela-mesma, até porque, nos arquivos da PIDE, existem relatórios que a dão como tendo trabalhado como tal, já no pós-guerra, em plena Guerra Fria, em Lisboa¹⁰ — hipótese que não deixa de ser estimulante: imagine-se a jovem Natália, em todo o seu esplendor de beleza e sensualidade, de

10 Martins, 2023, pp. 113-117.

vestido preto cingido e seio vistoso, de longa boqui-
lha e luvas altas, a insinuar-se pelos escorregadios
corredores da clandestinidade, ou pelos luxuosos
hotéis por onde circulavam espíões, trazendo e
levando informações sabe-se lá de onde e para
onde... Como nos filmes.

Em qualquer dos casos, e como dizem os ita-
lianos, encolhendo os ombros, «se non è vero, è
ben trovato».

Pelo que...

— Perante tudo isto, e outras coisas e factos
igualmente estranhos e de aguçar o dente — casa-
mentos, relações sociais, relações íntimas, jogos po-
líticos, dramas pessoais, talento, charme, coragem,
fragilidade, inteligência, solidão, generosidade,
afetos, ódios, provocação, resistência, verbalidade,
repentes, artes e meneios de *femme fatale* —, tudo
isto vivido e representado num ambiente de *chia-
roscuro*, cortado como deve ser por um raio de luz
dramática vindo de cima e de algures e que, como
na pintura maneirista e barroca, nas tonalidades do
bel canto da ópera clássica, ou nas modernas artes
do palco, dá sentido à cena: a personagem em que a
luz incide e a que dá contornos chama-se *Natália*.
O resto, diluído na sombra — ou no murmúrio, ou
no silêncio —, é cenário.

As três Natálias*

Foi diversa a Natália que eu conheci. Na verdade, para mim, ela era como se fossem três. E tudo se passava como se as três se olhassem entre si como se fossem outras. Todas elas assinavam *Correia* e cada uma se afirmava como açoriana, portuguesa e europeia.

Uma, a primeira, era a figura privada, desconhecida, equívoca — aquela que recordarei como quando, certo dia, depois de sairmos de um serão cultural, encontrei a olhar distraída para montras de lojas fechadas e que, ao perguntar-lhe se queria que a levasse a algum lado, me respondeu que queria ficar só com a sua solidão. Ou como, à mesa de um jantar em sua homenagem, ela me tentou a ficar-lhe com o *Botequim* (e tê-lo-á feito a outros) como única maneira de salvar aquele que era o palco da derradeira tertúlia lisboeta — ao que eu

* São aqui reaproveitadas algumas passagens do meu texto «*Irada na alva beleza se excede: Quatro Momentos com Natália*» (Duarte, 2019).

respondi, como dizendo que não à proposta, que o *Botequim* era ela. Era já então a Natália consciente de que ia chegando o fim do tempo da personagem de si própria criara, mas julgando ainda que seria capaz de gerar epígonos que lha mantivessem viva — e que eu, anos mais tarde (1997), viria a encontrar na casa da rua Rodrigues Sampaio quando foi esvaziada dos milhares de livros e de manuscritos literários e das centenas de obras de arte — entre as quais se contavam peças de arte religiosa antiga e de artistas como Abel Manta, Almada Negreiros, Artur Bual, Camarinha, Cassiano Branco, Cruzeiro Seixas, Salvador Dalí, Albrecht Dürer, Mário Cesariny, Francisco Relógio, Gracinda Candeias, Hansi Staël, Isabel Meyrelles, Júlio Pereira, Júlio Pomar, Júlio Resende, Júlio de Sousa, Lima de Freitas, Manuel de Lima, Martins Correia, Nikias Skapinakis, Sam, Stuart de Carvalhais ou Vieira da Silva —, e de peças de mobiliário que os documentários televisivos de Dórdio Guimarães, especialmente o seriado *Mátria* (de 1984, mas transmitido entre 1986 e 1988), transformaram em peças vivas do imaginário português acerca do que seja a casa de um escritor.¹¹

Outra, a segunda, era a *persona* pública, conhecida, de referência — aquela que se vestiu de: cronista, jornalista e radialista; cantora de músicas românticas; interventora social; espã;

11 Por disposição testamentária de Dórdio Guimarães, todo este espólio se encontra, desde 2011, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional (os papéis e os livros) e no Museu Carlos Machado (as obras de arte e algum mobiliário da casa), de Ponta Delgada.

atriz de teatro; lutadora pelos direitos da mulher; amiga de personalidades de vulto da vida política e cultural da sociedade portuguesa; polemista; promotora de tertúlias literárias; diretora efémera de jornais e revistas; tradutora de textos de autores de referência mas então desconhecidos ou proibidos em Portugal; autora de textos dramáticos que questionavam o poder e as suas armas, bem como a história oficial narrada por um e sustentada pelas outras; autora de guiões para filmes e programas de televisão; deputada à Assembleia da República, primeiro pelo PSD — Partido Social Democrata, por amizade a Sá Carneiro, passando depois a independente, e, mais tarde, pelo PRD — Partido Renovador Democrático, por amizade a Ramalho Eanes; crítica demolidora dos ridículos de figuras políticas — de que se tomará como exemplos o «Cancioneiro Joco-Marcelino» com que ela glosou, com «irresistível simpatia» — explicou ela —, as «traquinices» de Marcelo Rebelo de Sousa enquanto candidato à Câmara Municipal de Lisboa em 1989,¹² ou o famosíssimo «Já que no coito — diz Morgado —» com que demoliu um obscuro deputado de direita que se opunha à legalização da interrupção voluntária da gravidez, que Natália defendia;¹³ de... enfim!... É aquela que tem direito a uns tantos parágrafos na história da literatura portuguesa, da vida social e política da segunda metade do século XX, a nome de rua — e a um busto assinado pelo mestre João Cutileiro nos

12 *Poesia Completa*, 1999, pp. 561-566.

13 *Ibid.*, p. 486.

claustros do Palácio de São Bento. É a Natália que cabe dentro de uns tantos livros de poesia, contos, romances, antologias, crônicas e ensaios, e de umas poucas folhas do *Diário da Assembleia da República* — um mundo de palavras de onde se retiram frases para ornamentar os discursos de políticos e os textos de biógrafos e ensaístas.

E a última Natália, a terceira, era a mulher que trazia dentro de si um vulcão que ninguém jamais apagara. É *a Natália* — que vislumbramos na sua *Poesia Completa, O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, por ela organizada e prefaciada, contendo por isso a sua derradeira vontade, ou seja, a *lectio ne varietur* da sua poesia; um livro que nos diz tanto acerca dela como o busto de Martins Correia diz da poeta: ela está lá inteira, na sua beleza vivida, e assim ficará para todo o sempre — *ad usum lectorum*.

Chamasse-se ela, esta Natália, também Florbela, Sophia ou Fiana — mulheres de quem se pode falar e tudo dizer pronunciando, apenas, a palavra Poeta. Ou Bocage, antepassado próximo de Natália na criação de um novo paradigma para a poesia: se um, fugindo às malhas e aos esbirros de Pina Manique, trouxe a poesia dos salões bafientos para os cafés da cidade, Natália trouxe a poesia para o Parlamento, que, tal como os cafés do século XVIII, deveria ser o local onde a voz do povo, depois de coada por quem a melhor entendesse, por todos se fizesse ouvir. Esta Natália — a derradeira, a síntese de todas — repousa nos papéis, nos livros, nas obras de arte que nos legou. Entrelê-se nas pequenas histórias que todos aqueles que a conheceram se sentem tentados a contar acerca dela. Sobrevoa-nos nas asas daquela misteriosa pomba que,

pouco antes da inauguração em Lisboa da grande exposição *Natália, Arte e Poesia. Coleções de Arte do Espólio de Natália Correia e Dórdio Guimarães* (1999),¹⁴ entrou, vá lá saber-se como, pelo Palácio Galveias adentro e, perante o arrepio de quem a tudo assistiu, foi pousar no alto de um candeeiro da sala principal, ali ficando por algum tempo, enquanto cá em baixo se encontravam, expostos ao público lisboeta antes que partissem para Ponta Delgada, seu destino final, os quadros e esculturas que antes lhe povoavam as paredes de casa, lhe atafulhavam os armários, ou se escondiam debaixo da cama de dossel que era, ao mesmo tempo, o tálamo da mulher trágica e a oficina da mulher poeta. É nesta última que se encontra a essência de Natália Correia — aquele *ignotus* que, nas suas próprias palavras, age dentro dela.

Mas sigamos por partes.

14 Azevedo e Madeira, 1999.

O Microfone

A nebulosidade que a cidadã Natália Correia sempre manteve acerca da sua vida privada — de que se contam pequenas histórias, algumas delas picantes, outras a dar para o diz-que-disse ou para a coscuvilhice de buraco de fechadura, e por isso geralmente sem testemunho credível ou sustentação documental — reflete-se na pouca documentação pessoal existente no seu espólio na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. De facto,

no arquivo de Natália Correia é perceptível a reduzida relevância dos testemunhos da sua vida amorosa, o que sugere uma intenção de elidir esta faceta mais pessoal da sua vivência, sendo disso ilustrativo as revelações de Branca Miranda Rodrigues, amiga pessoal de Natália Correia, após a sua morte, ao lembrar o cuidado da amiga em destruir as cartas que o seu primo José António lhe envia do Ultramar. O mesmo acontece em relação a Álvaro dos Santos Dias Ferreira ou com William Creighton Hyller.

À exceção de duas provas fotográficas da jovem Natália com dedicatória para o primeiro, da reportagem fotográfica da lua de mel em Tânger e de algumas provas legendadas pelo segundo, são praticamente inexistentes os testemunhos da passagem destes dois homens pela vida de Natália Correia.

Mesmo em relação a Alfredo Machado ou Dórdio Guimarães, cuja presença na vida de Natália foi duradoura, os documentos de teor pessoal são pouco expressivos.¹⁵

Tal reserva não se deveria a timidez, mas provavelmente a uma estratégia calculada, como parece ter ficado claro numa crónica de 1971 publicada num jornal de Luanda:¹⁶

Aqui há uns tempos chegou-me pelo correio um inquérito de alguém que, pretendendo incluir o meu nome numa História da Literatura, queria averiguar a esfera social dos meus progenitores a fim de, dentro de uma metodologia histórico-materialista, situar a génese dos meus escritos. Claro que não respondi, por reputar ocioso semelhante processo de aferição de valores literários, lembrando, e muito bem, a origem burguesa do socialista Marx, a aristocrática proveniência do a-social Sade e outras contradições

—, acrescentando mais adiante que a «nossa crítica *engagée*», contaminada pelo vírus da tal «metodologia histórico-materialista», persiste em «pautar

15 Gameiro, 2016, pp. 52-54.

16 Correia, 1971.

talentos e mensagens pela dose de oxigénio económico que o escritor respirou em criança»; e, ainda mais adiante, após se referir aos «filhos do povo» que, depois de «ascenderem a certas posições de comando, onde a deslembração da sua origem lhes empresta a fisionomia do tirano» — e aqui parece perpassar a figura de Salazar e ecoar *O Homúnculo* (1965)¹⁷... —, dá os exemplos de «*enfants terribles* da aristocracia, os lordes Byrons» que deram «a vida pela causa dos oprimidos». Natália referia-se ao meio social e económico de origem do escritor — e nessa matéria, convenhamos, ela não teria nada de especial a mostrar, dado provir de uma família de classe média e não ter ido além do ensino liceal como habilitações escolares formais —, mas poderemos alargar as nossas vistas por um panorama em que, no entender de Natália, o escritor deve ser valorizado pela obra que deixa e não pela sua origem social ou pelos acidentes da sua vida privada.

Embora não haja neste entendimento nada que qualquer pessoa culta não subscreva, parece ecoar nestas palavras de Natália o pensamento de Marcel Proust expresso no livro de ensaios *Contre Sainte-Beuve*, datável de 1908-1909 mas apenas publicado em 1954, no qual o escritor desmontava, criticando-o, o método biografista de Charles Sainte-Beuve, que era, à época, o crítico literário mais influente em França:

Este método — escrevia Proust — que consiste em não separar o homem da obra, a considerar que,

17 *Obra Dramática...*, pp. 457-482.

para avaliar o autor de um livro, [...] é necessário responder-se primeiro às perguntas mais estranhas (como é que ele se comportava, etc.), rodear-se de todas as informações possíveis sobre ele, cotejar a sua correspondência, interrogar os homens que o conheceram, conversando com eles, se ainda estiverem vivos, ou lendo o que eles poderão ter escrito, se já tiverem morrido; este método ignora aquilo que nos ensina uma convivência minimamente profunda com nós próprios: que um livro é um produto de um outro eu, diferente daquele que manifestamos nos nossos hábitos, na sociedade, nos nossos vícios¹⁸

—, concluindo, noutra passagem, que «o homem que escreve versos e o que conversa no salão não é a mesma pessoa». A explicação dada por Natália para não responder ao tal inquérito parece ir ao encontro do que escrevera Proust, só que no caso dela há que acrescentar uma terceira categoria: além da cidadã *Natália de Oliveira Correia* e da escritora *Natália Correia* — que correspondem aos dois «eus» considerados por Proust —, temos a *Natália*, pura e dura, que é a *persona* pública por ambas criada e que nos permite considerar que é muito difícil falar da *Natália-poeta* ou *Natália-escritora*, separando-a da *Natália-persona*, e assim descortinar qual delas é a devedora da outra.

Muito antes de Proust, já Antero de Quental se preocupara em salientar a separação entre o autor e a sua obra, tal como ficamos a saber numa recomendação que fez a Oliveira Martins, em carta de

18 Proust, c. 1908-1909.

finais de 1885, quando este lhe estava a preparar a edição de *Os Sonetos Completos*:

Quanto aos Sonetos, a perfeição seria que V. dis- creteasse e filosofasse sobre alguma ou algumas das questões psicológicas, morais e outras, que o livro sugere, sem dizer nada do Autor, sujeito pes- soalmente insignificante, e apenas o *lugar onde* de determinadas combinações de ideias e sentimentos.¹⁹

Marcel Proust teria gostado de conhecer esta ideia, criação de Antero, do poeta como o «sujeito insignificante» que nada mais é do que «o lugar onde» se concretiza a coisa poética — ou seja, não é de dois «eus» que se trata (a pessoa social e o autor de poesia, sendo que cada um deles, agindo em paralelo, representa o papel que lhe compete), mas de uma organização operacional, na qual «ideias e sentimentos», que são entidades não físicas, necessitam de uma estrutura corpórea para se consubstanciarem.

Esta matéria também mereceu a preocupação de Vitorino Nemésio que, quando os editores do livro *Poesia (1935-1940)* lhe pediram um «depoimento sobre a actividade poética», assim se explicou no prefácio que intitulou «Da Poesia»:

sendo o poeta tomado, segundo uma dada es- tética, quer como o campo pessoal onde ocorrem os encontros dos signos da linguagem, quer como o *médium* de uma vocação que confere sentido ao

19 Quental, 1989, I, p. 756.

universo, o grau de consciência que nessas funções lhe toca pode reduzir-se a uma mera ressonância do explícito.²⁰

Mantendo a dualidade pessoa vs obra já vinda de Antero e de Proust — e isto para nos atermos apenas a estes autores —, Nemésio confirma como «encontros dos signos da linguagem» aquilo que Antero designara como «combinações de ideias e sentimentos», e reinterpreta como «campo pessoal» e «médium» o «lugar onde» com que Antero definira o papel do poeta — produzindo a metáfora do poeta como «ressonância» de algo que, sendo já explícito no campo das ideias, ainda não é audível por quem, digamos, não é *o poeta*.

É provável que Natália tenha lido estes textos de Antero, Proust e Nemésio; mas, tenha-os ou não lido, é dela esta magnífica argumentação que encontramos na introdução a *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (também, como já acontecera com Nemésio, quando os editores lhe pediram que escrevesse sobre a sua poesia):

Só por um factício prodígio poderia transmigrar de autora para teorizadora desse meu íntimo assunto poético em que além de mim age um *ignotus* que ainda estou para saber o que é. Mas se não alcanço esse «outro» que entre as minhas intrínsecas pluralidades me provoca com palavras a ordená-las em imagens que libertem a linguagem escondida no silêncio, nem por isso cairei na cilada que, logo no raiar das Artes

20 Nemésio, 1961.

Poéticas, Platão no *Ion* armou aos poetas dizendo serem os deuses que põem a inspiração nas suas palavras. Não que ache isso impossível, pois recusa-se-me a mente a achar impossível seja o que for, mas lá perigoso é. Porque, a ser assim, o poeta toma-se por um ser excepcional. O que, dando lugar à sua arrogância, o expõe ao ridículo de não ter razão para a ostentar visto que os versos que faz nem sequer são dele mas de uma entidade sobrenatural que fala pela sua boca, reduzindo-o à função de microfone.²¹

Fazendo-se eco do que outros já haviam dito antes dela, Natália traz a campo novos conceitos e metáforas para entendermos o que ela designa como o seu «íntimo assunto poético»: temos, por um lado, o *imaterial*, aquele «*ignotus*» que é isso mesmo — o desconhecido, que, se sabemos que existe, não o sabemos explicar —, uma «entidade sobrenatural» que provoca (ou desafia) o poeta a ordenar em imagens as suas intrínsecas pluralidades, para assim libertar «a linguagem escondida no silêncio»; e temos, por outro lado, o *físico*, representado pela pessoa do poeta que, nesta operação, e reunindo em si a condição de «lugar onde» (Antero) ou de «campo pessoal onde ocorrem» as coisas, e ainda de «médium» entre o mundo imaterial e o mundo físico (Nemésio), vê as suas funções reduzidas ao papel de microfone — metáfora que Nemésio poderia ter utilizado no lugar de «médium». Porém, tendo em conta toda a dimensão humana e social de Natália, e o alcance

21 Correia, 1993.

da sua voz, a metáfora de *microfone* poderia ser, no caso dela e com muita razão, substituída pela de *altifalante*.

Até porque – não tivesse Natália a visibilidade social que as suas qualidades pessoais e a sua história de vida lhe conferiram, por muito que as palavras que esse tal *ignotus* ou *entidade sobrenatural* que com ela convive no seu «íntimo assunto poético» lhe sussurrou ao microfone – jamais teriam atingido a audiência que se lhe reconhece se a sua sonoridade não tivesse sido amplificada. E assim chegamos à *persona* – evocando o sentido etimológico da palavra, «o que soa através de uma máscara», e aqui entraria a «ressonância» a que se referia Nemésio – que foi Natália e que, ao arripio do que disse Proust e ela própria, é indissociável da sua obra poética.

A Persona

A Assembleia da República evocou, na sessão plenária do dia 15 de setembro de 2023, o centenário do nascimento de Natália. Nada que não fosse de esperar: pela relevância cultural e cívica da personalidade que foi Natália, e porque ela foi deputada eleita e muito notada em três legislaturas (1979-80, 1980-83 e 1987-91) — sendo tradição da casa homenagear os antigos deputados quando falecem.

Nesta sessão, intervieram deputados de todos os partidos e também a representante do governo, os quais, também como seria de esperar, não foram parcus em adjetivos ou expressões adjetivais para qualificar a homenageada — nada menos do que 48 (não contando com as repetições), que aqui se recordam: *apaixonada, apaixonante, audaz, autónoma, bela, combativa, contraditória, controversa, corajosa, culta, diferente, enorme, extraordinária, feroz, fulgurante, grande, iconoclasta, imprevisível, inconformada, independente, indivisível, indomável, inimitável, inspiradora, insubmissa, inteligente,*

intensa, intransigente, invulgar, irreverente, irrevogável, livre, luminosa, lutadora, marcante, notável, polémica, provocadora, rebelde, resistente, revolucionária, singular, subversiva, superior, suprema, una, vanguardista, voluptuosa.

Sendo os deputados, por definição, representantes do Povo, e se, porventura, algum deles era acadêmico ou erudito, não era nessas condições que ali falava — será legítimo aceitar-se que nas palavras de cada um, desde a esquerda mais da esquerda à direita mais da direita, transparecem as representações que a opinião pública formou e consolidou acerca de Natália, mesmo que lhe não conheça a obra literária ou de intervenção social, cívica e política. Ou seja, a visão que a generalidade dos portugueses cultos tem acerca da personalidade de Natália não dispensa, para que seja dita, o uso do adjetivo ou do substantivo com valor adjetival — tal como a própria Natália os não dispensava para manifestar as suas opiniões, positivas ou negativas, sobre o que se passava; a sua ira perante situações ou pessoas que lha mereciam; a sua veemência na defesa das causas, quase sempre fraturantes, em que acreditava — em tudo isso revelando uma grande capacidade de invenção lexical, rebuscando nos dicionários as palavras menos comuns e em seu entender mais contundentes, até pela sua sonoridade, para que, em caso algum, passasse despercebido ao auditório aquilo que queria dizer e a intensidade com que o pretendia fazer.

Mas o melhor é passar a palavra a José Manuel dos Santos, que com ela conviveu e a acompanhou em momentos e situações em que a *persona* nataliana se manifestou em toda a sua singularidade.

«Um ser escandalosamente livre»

— por José Manuel dos Santos* —

Foi assim que disse o poeta e filósofo Paul Valéry: o que fica de um escritor é o sonho que o seu nome nos dá e as obras que fazem desse nome um signo de admiração, de hostilidade ou de indiferença.

Cem anos depois do nascimento e trinta anos após a morte, o nome de Natália Correia mantém intacta a sua incandescência inquieta, e as obras que deixou convidam-nos a que as conheçamos melhor, para descobrir o que nos revelam no seu ímpeto verbal inextinguível.

Nesta casa, onde hoje a evocamos, vejo a Natália com o dedo apontado ao mundo para imprecisar e protestar, pleitear e reclamar, proclamar e enaltecer. Vejo-a uma tarde a escrever a memorável sátira «O Coito do Morgado», numa ocasião a abraçar a *porno star* e parlamentar italiana Cicciolina e, num outro dia, a dissertar no hemiciclo sobre o sagrado e o culto do Espírito Santo, declarando-se orgulhosamente «Espiritualista» e indicando com o timbre da voz que o *E* inicial da palavra «Espiritualista» era maiúsculo.

Natália era assim! Escandalosamente livre!
Altivamente libertária! Literariamente libertina!

* Conferência na sessão de homenagem «NATÁLIA CORREIA — 100 ANOS» organizada pela Associação de Ex-Deputados da Assembleia da República na Biblioteca Passos Manuel do Palácio de São Bento, no dia 20 de setembro de 2023. Texto reproduzido na íntegra, com autorização do autor.

Com o seu dom de encenação verbal e de ênfase gestual que concedia ao que dizia a forma e a firmeza de um aforismo, ela afirmou: «A partir de hoje, se alguém me quiser encontrar, procure-me entre o riso e a paixão.»

Da paixão, a maior que teve foi por ela própria. Mas não confundamos essa paixão com o vulgar e competitivo narcisismo dos nossos dias.

A paixão de Natália por si mesma elevava-a a uma altura em que, mais do que gostar dela, ela gostava daquilo que assumia como seu imperativo e seu destino: habitar poeticamente o mundo, como queria Hölderlin, e viver a liberdade livre, como demandava Rimbaud.

Quanto ao riso, o outro lugar do mapa que definia o território onde Natália revelou que poderia ser encontrada, todos nos lembramos da sua gargalhada visceral, alta como uma lança e apontada como uma arma.

De que ria Natália? Ria da pequenez dos poderosos (em *O Homúnculo*), do moralismo dos fariseus (em *A Pécora*), da desfaçatez dos tiranos (em «A Defesa do Poeta»). Esse era um riso que afrontava o mundo, que o invadia de um ácido corrosivo. Esse era um riso de troça e de cólera, de protesto e de punição!

Mas, em Natália, havia também um riso de festa, de alegria e de felicidade. Era o riso com que celebrava o prazer e com que enaltecia a imaginação. Era o riso com que ouvia e contava histórias reais e inverosímeis. Era o riso com que pregava partidas e com que adorava ser maliciosa. Era o riso com que protegia todos os amores, mas sobretudo os mais improváveis, os menos convencionais ou os mais ameaçados.

Toda a vida e toda a obra de Natália têm a liberdade na sua origem e no seu fim. Mas essa não era apenas a liberdade política pela qual ela sempre lutou corajosamente. Era e é uma liberdade poética, aquela que não precisa de ser fundada porque é ela que funda. Era e é uma liberdade libertária, que exigia a libertação dos constrangimentos impostos pelos poderes que não suportam a vida viva e pelas morais hipócritas e arbitrárias.

Diga-se, com clareza, que, nessa luta por esta liberdade livre, ela não foi muitas vezes acompanhada por aqueles que, com ela, lutavam contra o despotismo, pela liberdade política e pela libertação de Portugal da ditadura.

Alguns desses, por estereótipos geracionais e limitações culturais, eram democratas em conceitos políticos e progressistas em propósitos sociais, mas, cheios de preconceitos e superstições, eram conservadores e até reacionários em matéria cultural e moral — de costumes, por exemplo. Eram o que ela nunca foi: sexistas, machistas, homofóbicos, racistas, classistas. Eram ainda anacrônicos e retrógrados no gosto literário e artístico. A liberdade da autora de *Mátria* era uma liberdade maior, mais alta e mais livre do que a liberdade deles!

Natália era, ao mesmo tempo, forte e frágil. Era forte e gostava de palavras fortes e sonoras, justiceiras e beligerantes. Das que acusam e invejavam. Das que conjuram e esconjuram. Chamava *abutre*, *abjeto*, *biltre*, *bufo*, *flibusteiro*, *bonifrate*, *basbaque*, *esbirro*, *energúmeno*, *estulto*, *hediondo*, *ignaro*, *imundo*, *lacaio*, *lapuz*, *mentecapto*, *mísero*, *néscio*, *pífio*, *piolhoso*, *puritano-piroso*, *poltrão*, *pulha*, *réptil*, *reles*, *rasca*, *repugnante*, *rapace*,

sabujo, traste, tratante, torpe, títere, tartufo, vil, verme, zoilo, com um prazer vocal e uma energia na dicção clara, cadenciada, nítida e indignada. Nunca vi ninguém insultar com tanta propriedade, com tanta precisão, com tanta eficácia, com tanto desdém, com tanta luxúria vocabular, com tanto aparato erudito e com tanto requinte linguístico.

Um dia, no meio de uma disputa política, no Verão Quente de 1975, ouvi-a fazer uma pausa no tropel de insultos que atirava à cara de um militar estarecido, para ordenar ao Dórdio Guimarães que fosse verificar se o dicionário da língua portuguesa reconhecia e registava a palavra «casernícola» com que ela queria continuar a injuriar esse pobre oficial que parecia forçado a estar ali, quase em sentido, às suas ordens e às ordens dos seus insultos atirados em frenética catadupa.

Natália era uma logocrata (no sentido de George Steiner). Gostava de palavras e de jogos de palavras, de associações e de simetrias, de aliteraões e de sinonímias, de arcaísmos e de neologismos. Gostava de palavras parónimas: um dia, na Assembleia da República, ela que, como o Jesus Cristo do poema «Liberdade» de Fernando Pessoa, não sabia nada de finanças, fez um discurso sobre o Orçamento de Estado atribuído à cultura, cronicamente insuficiente, e deu a esse discurso o título imponente de «A Verba e o Verbo».

O ministro era Francisco Lucas Pires, que glosou essas palavras na resposta que lhe deu com uma elegância que a fez feliz. Outro par de palavras de que ela gostava, usando-as como um tópico frequente, era «herético-erótico».

Essa Natália, tão forte, era também muito frágil. Vi-a muitas vezes desamparada e perdida nos caminhos em que se desentendia do mundo. Vi-a frágil quando a amizade lhe falhava e a ingratidão a atingia. Vi-a frágil quando não a compreendiam, quando a feriam, quando a ignoravam, quando a esqueciam. Vi-a frágil quando se sentia doente («Estou a morrer e, quando o digo, ninguém acredita», queixava-se nos dias do fim).

Ela confessava: «Eu sou desastrada, sou uma pessoa débil, uma pessoa falhada, alegremente, conscientemente falhada em muitas coisas. Não sei tratar de nada, na ordem das coisas práticas, não sei assinar um cheque, sou perfeitamente desastrada. Só sei escrever.»

Para Natália, o poeta era um tudo e a poesia era um todo. Por isso, nela, o todo era sempre maior do que a soma das partes. Ela tinha múltiplos talentos. Foi poeta, romancista, contista, dramaturga, ensaísta, antologiadora, historiadora literária, tradutora, cronista, jornalista, editora. Discursava eloquentemente, com timbre e temperatura na voz. Falava fluentemente, com verve e veemência. Argumentava temivelmente, incansavelmente, furiosamente. Passava da literatura à política, da política ao amor, do amor à morte, do passado ao futuro. Gostava de criar, recuperar ou usar neologismos, onomatopeias, arcaísmos, vernaculismos, eruditismos, esoterismos. Pintava com talento e no seu autorretrato estão as cores com que ela ia ao nosso encontro.

Natália era um moto contínuo. Escrevia, lia, comia, bebia, fumava, perorava, conversava, cantava, ria, vivia, morria. Tinha uma memória

prodigiosa, uma inteligência rápida, uma imaginação insolente. Às vezes, tinha mau gosto. Às vezes, esquecia a coerência e não dispensava a contradição.

Deixava-se prender e perder no labirinto das rivalidades literárias. Dizia mal de quem não dizia bem dela. Mas era capaz de generosidades sumptuosas e inesperadas. A sua curiosidade era insaciável, a sua atividade incansável, a sua energia inesgotável. Às três da manhã, ainda cantava, ainda falava, ainda comia, ainda bebia, ainda fumava, ainda apostrofava, ainda profetizava. Nunca percebi como arranjava vigor para tanto, como arranjava tempo para tudo!

Em Natália, não havia meias-tintas. Amava e odiava, admirava e execrava, protegia e insultava, enaltecia e esmagava. Era grandiosa, sedutora, perifrástica, generosa, perdulária, atrevida, hiperbólica, autoritária, tirânica, ameaçadora, barroca, exuberante, apocalíptica, excessiva, extemporânea. Tinha um desassombro, uma coragem, uma frontalidade que metiam medo a muita gente. Dizia-se que tinha mau feitio e mau génio. Ela explicou isso assim: «O meu primeiro contacto com as pessoas é de uma grande afabilidade. Quando as pessoas recusam essa afabilidade, então eu dou-lhes o que elas me pedem: irascibilidade. Volto-lhes as costas, irascivelmente, mais nada. Se é isso mau génio, talvez seja.»

Neste tempo de conformistas conformados e de interesseiros desinteressantes, faz-nos falta a sua cólera sagrada, a sua indignação selvagem, a sua fúria justiceira, a sua ira vitoriosa, a sua imprecação altiva.

A sua reivindicação do feminino e dos seus valores como outra forma, ao mesmo tempo antiga e nova, de ver e de governar o mundo era constante na sua vida e na sua obra, e é uma mensagem fundamental do seu legado. Mas não esqueçamos o que ela não se cansava de dizer: o feminino não está apenas nas mulheres e há muitas mulheres que são a negação do feminino, como era então, por exemplo, o caso — apontava ela com furor acusatório — da senhora Margaret Thatcher.

Natália era firme, frontal, feroz, ferina, fulminante. Dizia ela: «Eu sempre estive na serenidade, daí as pessoas, às vezes, poderem achar que a minha expressão é um pouco rebarbativa, mas isso é precisamente o desafogar de coisas que não quero ter recalçadas em mim. Não cultivo a morbidez dos conflitos interiores. Sou um ser escandalosamente saudável! Por isso, canto os deuses.»

Agora, lembro-a, vejo-a, oiço-a, como se estivesse entre nós, como se estivesse aqui connosco. Recordo as noites e noites do *Botequim*, onde tudo podia acontecer, onde tudo acontecia. Lembro-a em casa, sozinha, a falar-me com uma voz que era a sua antivoz: serena, murmurante, delicada, confessional. Recordo-a *coquette* e sedutora, quase infantil. Lembro-a majestosa, grandiosa de eloquência ou de fúria.

Recordo, como se fosse hoje, a aventura que foi a nossa para irmos ao grande Comício do Partido Socialista da Fonte Luminosa, no Verão Quente de 1975. Para lá chegarmos, passámos barreiras hostis que, quando reconheciam a Natália, se tornavam ameaçadoras e raivosas, vociferando insultos. Exaltada e nervosa, logo que chegámos

à Alameda, ela partiu o salto de um sapato e, não querendo mostrar-se ali naquela situação imprópria, ordenou ao Dórdio que fosse a casa buscar-lhe um par de sapatos substitutos, obrigando-o a fazer, em sentido contrário, o caminho que acabávamos de fazer, enfrentando outra vez as barreiras, para lá e depois para cá, no regresso.

Vejo-a, com Mário Soares, na Presidência Aberta dos Açores, em dias que pareciam não ter noite e em noites que pareciam não ter dia. Já doente, era a mais folgazã e zombeteira. Vejo-a nos programas que fiz para a televisão, realizados por Dórdio Guimarães, e por causa dos quais andávamos por todo o país na companhia dela. Lembro-a com o marido antes do Dórdio, «o senhor Alfredo Machado», que venerou até ao fim. Lembro o Dórdio, com aquele amor absoluto por ela, que às vezes era doido e cruel. Lembro as histórias inverosímeis, divertidíssimas, espantosas, prodigiosas, miríficas, mágicas.

A Natália era uma instituição. Tinha uma autoridade natural, uma *performance* extraordinária, uma presciência aguda, uma adivinhação fulminante. Gostava de mandar, de declarar, de opinar, de argumentar, de vencer. Gostava de estar no centro. Melhor: gostava *de ser* o centro.

Adorava aplausos e reconhecimentos, mas não se iludia sobre a importância disso, acerca da transitoriedade disso. Sabia que, num escritor, a obra é que conta. Mas nunca aceitou fazer a sua obra contra a sua vida, à custa da sua vida, ou sem a sua vida.

Era capaz de grandes gestos, de atos heroicos, de grandiloquentes palavras. Também de obras de uma ousadia rara. O nosso comum amigo Cesariny dizia-me que um livro tão herético e

tão maldito como *Uma Estátua para Herodes* lhe teria dado, escrito numa outra língua, um renome universal.

Há dois textos que sintetizam bem o pensamento de Natália. O seu pensamento moral está no prefácio da *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*, e o seu pensamento poético está na apresentação de *O Surrealismo na Poesia Portuguesa*. Dois dos seus cimos poéticos estão em *O Vinho e a Lira* e no *Cântico do País Emerso*. O seu diário *Não Percas a Rosa* é um dos grandes livros sobre a Revolução, cheio de surpresas e de vertigens.

Nos últimos anos da sua vida, a indignação de Natália não parava de crescer. Ela abominava o monoteísmo do dinheiro, a sociedade mercantilista e consumista, a tirania do quantitativo que já começava a avassalar o mundo, a abandalhar e a avacalhar (palavras dela) tudo. Ela dizia-se religiosa, mas não monoteísta, cujas ortodoxias eclesiais recusava (Um dia, ouvi-a dizer a um devoto de uma religião: «Não me fale de Deus! Eu não tenho Deus, tenho deuses.» E também escreveu: «Não sei se os deuses existem. Sei que é grosseiro viver sem eles.»).

Natália odiava a dessacralização, a despoetização, o desencantamento, a desumanização. Não suportava a grosseria do materialismo económico, nem a vilania das desigualdades sociais, nem a vulgaridade da tabloidização do mundo. Desprezava os «subalimentados do sonho». O seu ímpeto era o de expulsar os vendilhões do templo com um chicote em punho e um grito na voz: «Fora!»

Como a sibila que olha o negro no futuro, Natália morreu triste. Aquilo de que ela gostava parecia estar a morrer com ela. Mas não renunciou —

nunca se rendeu! Por isso, a sua voz continua hoje a ter o som das palavras inextinguíveis.

Essas palavras são aquelas que nos dizem ser imperioso não aceitarmos o inaceitável. São aquelas com que, irados e insubmissos, desobedecemos a todas as prepotências, mesmo as que nos são apocrifamente impostas em nome da liberdade.

O *Ignotus*

«Da poesia a razão ignota» [*Sonetos Românticos*]

Que imagine quem possa o que seria viver numa ilha quando não havia as facilidades de comunicação e de deslocação de que hoje dispomos.

Que imagine quem queira o que seria a vida na ilha de São Miguel, nos Açores, nos anos de 1920-1930 — que não seria muito diferente daquela que se vivia em qualquer região do Interior de Portugal, só que rodeada de mar, o que obrigava a que as pessoas — ricas, remediadas e pobres — partilhassem o mesmo espaço fechado, mas com as respetivas relações sociais muito bem definidas e estratificadas: umas quantas famílias terratenentes, poderosas, cultas, dinâmicas e viajadas; uma vasta classe popular humilde, trabalhadora e pouco escolarizada; e, no entremeio, uma classe média com anseios de promoção social.

Que imagine quem a tal se disponha esta organização socioeconómica tendo por denominador comum, além da condição geográfica, uma igreja

conservadora, condescendente com os ricos e poderosos, e rigorosa com os pobres e dependentes — o que não seria de agora: pouco menos de um século antes, o 27.º bispo de Angra, que era apoiante da causa miguelista, vivera durante dezanove anos em São Miguel por entender que o ambiente na Terceira, sede da diocese, era demasiado liberal para o seu gosto; e, à margem desta Igreja, o culto do Espírito Santo, profundamente enraizado na tradição popular, que, apesar de conservar em si alguns ecos de heresias medievais — que permite, por exemplo, que, no período do Pentecostes, um pobre seja imperador e dê esmolas ao rico, mantendo de fora os rituais e a hierarquia do poder eclesiástico —, tanto é praticado pelo rico como pelo pobre.

Atente-se, neste quadro, a uma família constituída por um pai — Manuel Medeiros Correia — que trabalhava como administrador de escalão intermédio para empresas pertencentes àquele primeiro grupo social; uma mãe — Maria José de Oliveira —, culta e com ambições, oriunda de uma família esclarecida e com episódios de intervenção política, que era professora em meios rurais, acabando por ser colocada na Fajã de Baixo, nos arredores da cidade de Ponta Delgada, onde a nossa história começa; e, finalmente, duas filhas pequenas, uma chamada Cármen, a outra Natália. Havia ainda algumas tias, e um tio padre, como nos romances de Eça ou de Nemésio. Não sendo a vida fácil, e porque terá tido alguns problemas que para aqui não são chamados, o pai decidiu emigrar para o *el dorado* da época — o Brasil —, deixando para trás a mulher e as filhas, e por lá ficou frutificando em outros campos; pelo que a mãe, sonhando para si e para as filhas outros

horizontes que a estreiteza da ilha não lhes permitia, conseguiu transferência para Lisboa onde, a pulso de ferro, foi encetar uma nova vida — que teve como resultado, entre outras coisas interessantes, a construção do que viria a ser Natália.

De facto, enquanto o pai, ao que parece, não teria grandes preocupações culturais ou políticas, a mãe, essa, tinha-as — e incutiu-as nas filhas: parece que, ainda em São Miguel, receberia em sua casa personalidades da nata dos exilados políticos que o Estado Novo deportava para as ilhas, de onde, por princípio, é muito difícil fugir; e viria, anos mais tarde, e já a viver em Lisboa, a publicar dois romances de sua autoria, e a dar-se com individualidades da elite cultural portuguesa como, entre outros, e ainda que oriundos de universos políticos diferentes, Manuel Cardoso Marta ou Maria Lamas; e se a filha Cármen também deu os seus passos na roda das letras, mas sem grandes êxitos, a filha Natália acabaria por vingar — e dar naquilo que se viu, tanto nas letras como na intervenção social e política.

Não sabemos quando é que Natália começou a fazer versos. Mas, a avaliar-se pela qualidade dos primeiros poemas que publicou, andava ela ainda pelos 20 anos, deve ter começado muito cedo: o seu primeiro livro, *Rio de Nuvens*, já atinge um nível de qualidade que não é de principiante, de tal modo que, no fim da vida, a autora o integra, ainda que com alterações estruturais (como já foi referido), na sua *Poesia Completa*. E nele encontramos a jovem poeta consciente da sua singularidade —

Àquela Ilha distante,
Não há ninguém que se afoite...

Aquela Ilha esquecida
Que só tem um habitante:
Eu que lá vivo de noite...

[*Rio de Nuvens*, XVII]

— e que, crisálida, teve de sair do meio pequeno e abafado da ilha — que mais acima ficou apontado — para um meio mais largo e com melhores condições para eclodir:

Andar?! Não me custa nada!...
Mas estes passos que dou
Vão alongando uma estrada
Que nem sequer começou.

[...]

Só sei que, neste destino,
Vou atrás do que não sei...
E já me sinto cansada
Dos passos que nunca dei.

[*Rio de Nuvens*, XIII]

Eram, de facto, largos os passos que Natália, já então, sabia que haveria de dar ao longo da vida, caminhando por vários caminhos e atalhos — a ficção, o teatro, o ensaio literário, a política ativa — que, no entanto, invariavelmente, convergiam na grande alameda que era a poesia.

Natália foi uma poetisa desmultiplicada.

«Se nos versos jogo a minha vida» [*Sonetos Românticos*]

Uma das características mais marcantes da poesia de Natália é a integração de elementos biográficos no discurso poético, onde a autora se metamorfoseia em objeto. Como notou Clara Rocha, contam-se na obra poética de Natália um

elevado número de poemas «biográficos» (títulos como «Biografia», «Biografia Encomendada pela Insónia», «Ultrabiográfico», «Árvore Genealógica», ou mesmo «O Diário de Cynthia» e «No Meu Aniversário» confirmam e reforçam o pendor pessoal desta poesia) o que vai cimentando aos poucos a figura dum eu [que] encontra precisamente a sua inteireza na pluralidade, na diversidade, na metamorfose.²²

É o que podemos encontrar numa passagem do poema «Autogénese», no qual Natália estabelece uma relação direta entre aspectos da sua biografia, não a de origem, nem sequer a do contexto (porque é irrelevante a geografia onde se nasce, Setúbal, Pequim ou Açores, tanto faz), mas do que se passa no mundo quando tal acontece — onde há a dor indispensável para se ser poeta, aqui originada pela miséria e pela maldade humana que o poeta não pode esquecer nem, muito menos, calar —

Nasce-se em setúbal
nasce-se em pequim

22 Rocha, 2000, p. 387.

eu sou dos açores
(relativamente
naquilo que tenho
de basalto e flores)
mas não é assim:
a gente só nasce
quando somos nós
que temos as dores

[...]

Eu nasci de haver
os bairros da lata
do dedo que escapa
dos sapatos rotos
da fome que mata
o que quer nascer
e que o sábio guarda
em frascos de abortos;

eu nasci de ver
cheirar e ouvir
dum odor a mortos
(judeus enlatados
para caberem mais
mas desinfectados)
pelas chaminés
nazis a sair
de te ver passar
de me despedir
de teus olhos tristes
como se existisses.

Nascitura estava
tom de rosa pulcra
eu me declinava
vésper em latim:
impura de todos
gostarem de mim.

[«Autogénese», *O Vinho e a Lira*]

— porque é ao poeta, cronista que se quer atento da condição humana, que compete verbalizar aquilo de que aqueles que se limitam a sofrer nem sequer têm consciência:

Este homem que entre a multidão
enternece por vezes destacar
é sempre o mesmo aqui ou no japão
a diferença é ele ignorar.

[...]

Alimentam-no do ar proibido
de um sonho que não é dele
não tem mais que esse frasco de vidro
para fechar a estrela do norte.
E só o seu corpo abolido
lhe pertence na hora da morte.

[«Balada para um Homem na Multidão»,
O Vinho e a Lira]

Ler a poesia de Natália, de preferência na sua ordem cronológica e tendo sempre presente o que se passava em seu redor e de que ela foi

dando notícia, é como passar em revista alguns dos momentos mais marcantes — ao menos no entendimento dela — da história da poesia portuguesa, não pelos nomes, números e datas dos acontecimentos, mas pelas formas — ou matrizes estéticas — de que a cada momento se serviram os poetas. Nela encontramos os ecos, pela apropriação dos temas e das formas reavaliados para por eles exprimir as preocupações do presente, dos cancioneiros medievais, do Barroco, do Romantismo e do Surrealismo. Ou melhor, diz-se que — porque para Natália as coisas não são bem assim:

Sei lá em que contexto poético deste século situar a minha obra. Sei, isso sim, que tenho lido sobre a minha poesia algumas aperaltadas sentenças que nada têm a ver com o sentir pensado ou o pensado sentido (isto lembra-me o Pessoa) com que a faço. Colocam-me uns no grémio surrealista. Outros dão-me emprego nas contorções do barroco. Até já me detectaram aflorações concretistas. Enfim, uma poesia no desemprego.²³

Modéstia dela, talvez, porque Natália não era pessoa para desdenhar heranças ou conversas com quem respeitava. Talvez a dela fosse, antes, uma poesia em pleno emprego — ou mesmo em multiemprego. Se não, vejamos: além dos casos mais evidentes, como o conjunto «Cantigas de

23 Amaral *et alii*, 1988, p. 183.

Amigo»²⁴, atente-se neste poema deliberadamente feito à maneira (ou pelo menos em evocação) do romance tradicional ibérico, onde até se notam alguns ecos vicentinos e nos é dada uma epígrafe de conteúdo numerológico retirada d'*Os Lusíadas*, para o qual, no entanto, a autora convoca não só a sua reinterpretação (sarcástica, talvez mesmo herética) de alguns dos dogmas do catolicismo, como, inesperadamente, reivindica o carácter português da composição, não pelo assunto (ainda que o reivindique...) mas pela forma:

Assim como há 2000 anos
a pomba impregnou Maria
e na flor não desflorada
Jesus no ventre lhe fez,
noutra melhor semeada
e desta não reza a missa
Filho fará outra vez.

Do Espírito, a primeira cria
os seus dons não satisfez.
Sendo sete, a felonía
do Filho os tomou por seis.
Logo a besta os multiplica
Em contas de malvadez.

[...]

Mornos, mistos e danados,
língua nem quente nem fria,

24 *Poesia Completa*, 1999, pp. 619-634.

que olhos de lepra são esses?
Não vedes que a Procedência
procede em nova prenhez?
Por amor dos confirmados
já vai no sétimo mês
a gema da Parúsia.
Para parir faltam três
que é a numerologia
na Trindade do Sagez

E não erra a profecia
se for filha desta vez.
Vai portanto em redondilha
já que o assunto é português.

[«Romance Português Meditado em Patmos»,
O Dilúvio e a Pomba]

O interesse de Natália pelo Barroco, confirmado pela sua *Antologia de Poesia do Período Barroco* (1982), é evidente tanto em muita da sua poesia, como em muitos dos seus textos em prosa, mesmo nos jornalísticos e parlamentares, nos quais

se dilata em hipérboles, metáforas e períodos superadjectivados e torrenciais, e ao nível do conceito, que se refina em agudezas, se entretém em jogos (veja-se, por exemplo, o poema «Os Nomes nos Nomes», paradigma dessa engenhosa filigrana, em *O Dilúvio e a Pomba*) ou se desafora na mais violenta sátira.²⁵

25 Rocha, 2000, p. 387.

Em «Os Numes nos Nomes», Natália «explica» a origem dos seus nomes — o próprio e os de família, e destes os perdidos e os mantidos —, que não se deveriam ao acaso ou à vontade das pessoas, mas a uma intenção divina (daí os «numes»), como convém a um poeta:

Não por acaso Natália me puseram:
minha mãe que era fada lá sabia.
Posta a graça ao afino do mistério
para estar sempre a nascer é que eu nascia.

Da avó que era louca veio o Rego
em conduta dos anjos que ela via.
Desvairanças aladas bom emprego
são, se herdadas em grão de poesia.

Pelo avô, do matagal de nomes,
sai-me o Raposo. Aqui ninguém me apanha.
Inomeável três vezes é o Esposo,
para fazer de solteira há que ter manha.

Também é fortuita a oliveira
de folhas de ouro no meu nome oclusa:
a alma é paz de ideias à lareira
que o pudor em mau génio não acusa.

E medeiros, medeiros quantas medidas
de trigo sideral para que em signo
apurada a espiga entre as estrelas
fecundo seja meu trigal de Virgo.

Vem por fim a justiça na Correia:
perdoar vendilhões só a chicote.

Absolva-os a Virgem que faz meia.
Não eu. Adivinhei-me. Eu dei o mote.

[«Os Numes nos Nomes»,
O Dilúvio e a Pomba]

A que se poderia acrescentar, já num registo satírico e pós-barroco, na boa linhagem de Tolentino ou Bocage, as «Cantigas de Risadilha»²⁶ compostas entre 1979 e 1991, quando Natália era deputada. Recordemos uma delas — que afinal é... um soneto —, dirigida a um certo deputado «ferozmente anticomunista que, no seu fanatismo partidário, batia o mais grosseiro estalinista»:

Do pequeno-burguês tem, na medula,
A vérmina sabujo-partidária.
A fossanguice teimosa tem da mula
Em estalinismo de instrução primária.

Só perante o patrão é mole, é lula
Sua mínima alma funcionária.
Mas com a vara na mão, o vilão pula
E dá ordem em couces de alimária.

Comigo tal marmanjo baixe a bola
Que a palmatória desse mestre-escola
Eu lha faço engolir pelo bocal

26 Uma das designações por que eram conhecidas, no seu tempo, as cantigas de escárnio e maldizer: eram coisa para rir.

Por onde expulsa asneiras a vapor;
Pois versos não me faltam nem humor
Para, com sátiras, ferrar este animal.

[«Ao Servo Aninha-se o Déspota»,
Cantigas de Risadilha]

Com os *Sonetos Românticos* (1990), Natália atinge a sua plenitude enquanto poeta: é que nele encontramos traços estruturantes do Romantismo — daí o título —, como a reflexão do poeta em busca do absoluto, a crença no destino, a exaltação da morte e da sua simbiose com o amor (em que os sentidos estão presentes), e, em todos eles, a afirmação do Eu. Estes sonetos são românticos, como românticos já o eram alguns de Camões e de Bocage, e o são os de Antero e de Florbela, todos eles evocados aqui:

A luz meridional que rigorosa
Infunde o mar no mármore, cobiçou
A Musa — júbilo azul! — e a radiosa
Matéria no soneto repousou.

Mais mirtos quis Érato e em mais formosa
A tornar Camões se exasperou.
Mas, ó Bocage! do dom o dano é glosa
E ao Tártaro de versos te imolou
A Musa porque a Graça, a treva a estruma
E de Antero a ideia em sangue escorre,
Suicídio com anjos por grinaldas;

Que não só sol, também a noite espuma
No soneto e Florbela, a maga, morre
Cantando uma hemoptise de esmeraldas.

[«Rogando à Musa que Torne Claro o Coração
Obscuro», I, *Sonetos Românticos*]

Neste livro, em que cada poema — e praticamente cada verso — é portador de símbolos gnósticos, encontramos ainda, claramente expressos, conceitos, gestos e movimentos, e até mesmo frases, dos rituais e da simbologia maçónicos (sobretudo nas epígrafes que abrem cada uma das partes do livro, e nos títulos delas, sendo o mais evidente «Na Câmara de Reflexão»²⁷), tal como já acontecia no poema de Antero «Há dous templos no espaço — um deles mais pequeno», das *Odes Modernas* — que a autora demonstra conhecer e dominar.

27 Designação da câmara escura onde o candidato a *maçon* é encerrado, tendo diante de si uma caveira, antes da cerimónia de iniciação que decorrerá no Templo (aqui, o «Palácio Espiritual») e durante a qual lhe será revelada a Luz (da Sabedoria). Outras referências maçónicas neste livro: as provas a que o neófito é submetido sob venda e que incluem a passagem pela terra, pela água e pelo fogo; a ideia de que, uma vez iniciado, o maçon é um eterno aprendiz («aprendes que não existes ainda. És apenas devir.»); a visão da Estrela Flamejante, no ritual de passagem do grau de Aprendiz ao grau de Companheiro; a descida ao sepulcro, no ritual de passagem do grau de Companheiro ao grau de Mestre; ou o pentágono / pentagrama, que expressa o domínio do espírito sobre os elementos da natureza. Para estes conceitos, veja-se Marques, 1986.

Ele é, assim, o terminal de um percurso — ou melhor, deambulações — de vida espiritual que a autora revisita, desde o seu nascimento na ilha — «Ó mãe completa da manhã ao ocaso» — até à morte que se aproxima — «Tomai estes meus versos na vazante / Da lua cheia que foi a minha vida». Pelo que, conclui Natália,

Melhor é ir. Atravessar o muro,
Seguir na barca que passa o golfo escuro
E ao Grande Enigma abandonar os remos.

[«Poesia: Ó Véspera do Prodígio!», I,
Sonetos Românticos]

«No laranjal laranjedo» [*Cantigas de Amigo*]

Natália decidiu encerrar a sua *Poesia Completa* com dois conjuntos de «cantigas de amigo», um intitulado «Queixam-se as Novas Amigas em Velhos Cantares de Amigo» (com dez poesias, sendo a última uma *pastorela*), e o outro «Alegram-se as Velhas Amigas em Novos Cantares de Amigo» (com oito, sendo a última uma *alba*²⁸). A estrutura

28 Recorde-se o conceito de *alba* na poesia medieval: subgénero que descreve o desgosto dos amantes que, depois de terem passado a noite juntos, têm de se separar com a chegada da madrugada.

quiasmática subjacente aos dois títulos quando lidos em conjunto —

Queixam-se as Novas Amigas em Velhos Cantares de Amigo
Alegram-se as Velhas Amigas em Novos Cantares de Amigo

— reflete, de certa maneira, o «princípio da metamorfose» que, de acordo com Clara Rocha, governa a poesia — ou a obra em geral — de Natália:

Eixo fundamental da obra, ele traduz-se na inquieta movência das formas de expressão poética que se sucedem e interpenetram, na assimilação criadora de tradições diversas, na identificação com matrizes estético-literárias tão díspares como o Barroco, o Romantismo e o Surrealismo, na pluralidade de um rosto que proteicamente se diz em figurações várias, na alternância entre o frívolo e o sério, o riso e as lágrimas, a alegria e a mágoa, e finalmente no modo de reunir os contrários, segundo a lição da «gnose inerente à poesia que nos diz: as coisas só se revelam inteiramente no seu oposto, visto que com ele são unas.²⁹

A última destas poesias — a *alba* «No laranjal laranjedo» —, que é também a que encerra a *Poesia Completa*, será um bom exemplo daquela «assimilação criadora» de que Natália era capaz, nela se podendo ler uma evocação indireta, perceptível pela peculiar construção sintática, pelo ritmo e pela

29 Rocha, 2000, p. 387. A página indicada na citação refere-se a *Poesia Completa*, 1999, p. 32.

sonoridade, da «Canção do Figueiral» — que assim começa: «No figueiral figueiredo / a no figueiral entrey» —, publicada por Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana* (1609) e aceite pelos investigadores românticos, designadamente Almeida Garrett, como obra de Goesto Ansures, um lendário trovador português que terá vivido no século VIII (e que por isso poderia ser, e foi durante algum tempo aceite como tal, o texto literário mais antigo da nossa literatura), mas que, na verdade, será um apócrifo do próprio Bernardo de Brito. Antero de Quental deixou-nos uma versão modernizada deste poema — o «Romance de Goesto Ansures»³⁰ —, podendo ter sido tanto em um como no outro que Natália se inspirou. Mas o que aqui poderá ser mais interessante é o *processo* de assimilação: tal como Bernardo de Brito (a ser verdade que é dele a autoria do poema) assimilou o tema, o ritmo e a forma do poema medieval, fazendo-o passar por autêntico, Natália assimilou, no conjunto das suas «Cantigas de Amigo», os temas, o ritmo e a forma deste género poético, de modo a para ele transpor a sua visão da mulher — portadora de voz, como são sempre as donzelas das Cantigas de Amigo —, tornando-a assim intemporal. Mas, e porquê estes ecos do *romance* de Goesto Ansures (continuemos a chamar-lhe assim) na *alba* de Natália? Pois bem: o *romance* conta-nos a história de um cavaleiro, no tempo em que os mouros ocupavam o território que é hoje Portugal, que se deparara, num bosque de figueiras, com um grupo de seis donzelas que

30 Quental, 1883.

choravam, e que ele logo percebera, pelas explicações de uma delas (a única que falava), que haviam sido raptadas e se encontravam cativas de um mouro que as guardava; então, o cavaleiro decidiu matar o mouro e os seus guerreiros e libertar as donzelas — para depois se casar com aquela que falara. À primeira vista — e além da peculiar construção sintática, do ritmo e da sonoridade dos respectivos primeiros versos —, a história que nos é contada no *romance*

No figueiral figueiredo,
[...]
A todos desbaratei;
As donzelas libertara,
Todas seis as libertei;
Aquela que me falara
Com ela me casarei.
No figueiral figueiredo,
La no figueiral entrei.

nada tem que ver com a *alba* de Natália, na qual o amanhecer já não é problema para a mulher porque, após uma noite em que «veio o fruto, ao laranjedo», ela se encontra satisfeita e em paz — com o amante nos braços:

No laranjal laranjedo
A lua florida estava.
[...]
No laranjal o guerreiro
Em meus braços acordava.
Mas a metralha e o morteiro
Por maravilhas trocava.

Estão os homens em sossego.
Já pode romper a alva.

Porém, no *romance*, temos um narrador — o cavaleiro — que escolhe para casar, de entre as seis donzelas disponíveis, a única que fala.

«Vexar a decrépita misoginia» [Na Assembleia da República]

No debate que decorreu na sessão plenária da Assembleia da República de 22 de março de 1990 sobre os problemas da mulher em Portugal, Natália Correia, então deputada pelo Partido Renovador Democrático, não poderia ter deixado de usar da palavra. E usou-a, como oradora, numa longa intervenção que começava assim:

Neste debate não me ocorre melhor argumento para fundamentar, histórica e culturalmente, os direitos da mulher em Portugal do que vexar a decrépita misoginia oriunda da mentalidade burguesa que os desrespeita e, nesta Assembleia, ainda cobra hospedagem — e a extinção da Comissão da Condição Feminina é um exemplo —, recordando-vos, Srs. Deputados, o que esqueceis. E é todo um passado português que aqui torno presente em ilustres vozes masculinas que, ao génio das mulheres, renderam a mais rasgada das admirações.³¹

31 *Diário da Assembleia da República*, 23 de março de 1990, pp. 1963-1966.

E, de uma maneira habilidosa — colocando o elogio da mulher não na boca de mulheres, o que seria demasiado óbvio, mas sim na de alguns homens que, ao longo da história, as valorizaram —, evocou onze escritores portugueses que, desde o século XVI, reconheceram o valor, tanto intelectual como artístico e até militar, de certas mulheres em concreto, provando assim «ser o tão falado machismo português uma gabarolice frívola sem consistência nem tradição cultural no nosso país». O primeiro desses ilustres que Natália referiu foi Rui Gonçalves, um homem do século XVI, natural, como ela, da ilha de São Miguel, que foi jurista e lente da Universidade de Coimbra, e que publicou em 1557 um livro que foi pioneiro em Portugal, e talvez mesmo na Europa, no reconhecimento jurídico dos direitos da mulher e da igualdade entre os sexos.³² Nele encontramos, entre um grande número de prerrogativas próprias das mulheres — como esta: «todos os benefícios e privilégios concedidos aos estudantes por respeito do estudo pertencem e se concedem às mulheres para seu dote»³³ —, uma frase arrojada que Natália não desdenharia subscrever:

muitas mulheres são viciosas, mas sempre por impulsos do sexo masculino; e se alguém pretender reformar, e converter as mulheres, cuide primeiro em fazer castos, honestos e bons, a todos os homens.³⁴

32 Gonçalves, 1557.

33 *Ibid.*, Prerrogativa XLVI.

34 *Idem*, 1785, p. 23.

Tendo este livro e o seu autor caído entretanto no esquecimento, coube a Natália o mérito de os ter recuperado para o nosso tempo; o que, somado ao facto de só nesta intervenção parlamentar ter citado 11 homens do passado que reconheceram e elogiaram o valor das mulheres — e os nomes de 18 dessas mulheres, todos eles devidamente enquadrados —, prova que as preocupações de Natália sobre temas fraturantes como este, e as afirmações com que as manifestava e que, por vezes, eram bombásticas e até polémicas, eram sustentadas em investigações históricas e bibliográficas muito cuidadas.

Até porque, desde cedo, Natália se preocupou com estas matérias, de início talvez por influência de sua mãe — que chegou a fazer parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, a convite de Maria Lamas —, como se pode verificar ao longo de toda a sua obra, a começar pela jornalística. Com efeito, data de 1946 o seu artigo «À volta da nova Lei Eleitoral nos parágrafos que se referem à mulher»³⁵, em que criticou aberta e corajosamente a nova lei eleitoral do Estado Novo que retirara o direito de voto às mulheres casadas (porque se supunha que, sendo casadas, seria o marido a votar por elas — o que faz lembrar o ambiente vivido no romance *Anoiteceu no Bairro*, do mesmo ano),³⁶ começando por referir um inquérito sobre este assunto promovido pela

35 *Portugal, Madeira e Açores*, Lisboa, 10 de março de 1946.

36 Decreto-Lei n.º 35.426, de 31 de dezembro de 1945.

revista *Modas e Bordados*, então dirigida por Maria Lamas:

Nele têm deposto — escreveu Natália — mulheres de todas as classes que numa só voz erguem seu grito de protesto contra a disposição da lei que tão profundamente a atinge [a mulher] nos seus mais legítimos direitos, relegando-a para a humilíssima condição duma obscura existência social.

No mesmo ano, publicou o romance *Anoi-teceu no Bairro* (1946), no qual encontramos a mulher condenada — muitas vezes por opção própria — a um casamento que lhe dava, em vez de amor e realização pessoal, uma aceitável condição social, segurança e «vantagens materiais» — condição essa de subalternidade que, na opinião de Natália, só seria ultrapassada quando a mulher adquirisse a sua independência económica. Depois, disseminada por toda a sua obra, foi abordando o tema da condição da mulher em Portugal, sempre no sentido de a valorizar: na série de crónicas intitulada «Breve História da Mulher» (1946), na peça de teatro *A Pécora* (1967), no romance *A Madona* (1968), no poema *Mátria* (1968), no livro de poemas *A Mosca Iluminada* (1972), na edição das *Novas Cartas Portuguesas* (1972), de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, o que lhe valeu ser arguida em tribunal, em *A Mulher: Antologia Poética* (1973), na defesa do direito da mulher à interrupção voluntária da gravidez, no debate sobre este tema na Assembleia da República (1982), no apoio à candidatura de Maria de

Lourdes Pintasilgo à presidência da República (1986), enfim...

Retomemos o artigo de 1946:

Se em todas as manifestações naturais da vida o homem e a mulher se completam, porque não integrá-las, dentro desse princípio, na sociedade que ambos construíram?

Proclamá-los iguais é tão falto de senso como afirmar a superioridade ou inferioridade de um em relação ao outro.

Valores equivalentes, mas distintos, eis a posição de um em relação ao outro.³⁷

Noutro contexto — o erótico e amoroso —, Natália viria a ecoar, muito abertamente, esta complementaridade entre a mulher e o homem, num poema que pode ser entendido como o paradigma do seu pensamento sobre estas questões:

Oh a mulher como é côncava
de teclas ter no abdómen
de sua porção de seda
ser o curso do rio homem

como é mina espadanar de água
na cama abobadada de homem
gargalhada de lustre se sentada
dique de nuvens estar de dólmen!

37 *Portugal, Madeira e Açores*, Lisboa, 10 de março de 1946.

Oh o homem como é ângulo
aberto de procurar
o sítio onde nasce o ouro
na salmoura da mulher mar

como é cúpula de copular
nadador de braçadas de mirto
como é nado de a nado formar
o quadrado da mulher círculo!

Oh os dois como se fundem
na preia-mar dos lençóis
despidos como fogo e água
deus de dois ventres ferozes
e quatro olhos de fava!

[«Rebis», *O Vinho e a Lira*]

Um entendimento que, anos mais tarde, viria a reforçar durante o debate na Assembleia da República sobre a interrupção voluntária da gravidez, quando citou o biólogo e filósofo francês Jean Rostand:

Se desejarmos ser consequentes na resposta a esta questão, será preferível proteger por todos os meios a mulher portadora de óvulos férteis e o homem portador de espermatozóides.³⁸

38 *Diário da Assembleia da República*, 12 de novembro de 1982, p. 335.

E que reafirmaria, já num registo despreocupado e até jocoso, na fase de discussão no discurso na Assembleia da República, mais atrás referido, sobre os problemas da mulher em Portugal:

Apesar de pensar que a mulher tem uma palavra muito importante a dizer no Poder, sou pelo androginato social, não estou interessada na inversão de valores. Não podemos derrubar os simpáticos homens, que são tão agradáveis, para as mulheres realmente tomarem conta do Poder. Não!... Sou pela bissexualidade!... Bem, não propriamente no aspecto erótico... Mas também pode ser, que não me importo. Também pode ser, porque não sou puritana. E se unirmos o que há de feminino no homem... foi por isso que lancei uma exortação para que o homem assuma o que tem de feminino, porque isso é necessário. E quando falo de uma cultura nunca digo uma cultura feminina, mas digo a cultura no feminino, que é também a cultura do homem.

Natália *dixit*.

«Pusestes a prémio minha
rara edição»
[*A Mosca Iluminada*]

Natália deve ter sido o escritor português que mais obras teve proibidas pela censura do Estado Novo ou apreendidas pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), antes ou depois de serem publicadas. Terá sido, também, o único

autor que foi censurado depois do 25 de Abril. Desta estranha situação dá-nos ela conta, no seu estilo adjetivado e algo barroco, na introdução à *Poesia Completa* —

cumpre-me esclarecer: não sendo escassas as balas que, em poemas, disparei contra a univisualidade do mostrengo das coacções fascio-puritano-pirosas, não me faltando também no arsenal as que estavam a pedir certas peneiras autoritárias com cravos de Abril na fala³⁹

— referindo-se ao aparente paradoxo de ter sido censurada por defender a liberdade, tanto em ditadura como durante o PREC — o Processo Revolucionário em Curso, que se seguiu ao 25 de Abril e durou até ao 25 de Novembro de 1975 —, e por ter sido censurada, *tout court*, já em plena democracia. Vale a pena referir alguns dos casos mais clamorosos:

O primeiro deles foi o livro *Comunicação* (1959), um poema dramático editado pela Contraponto do seu amigo Luiz Pacheco, e que foi por muitos considerado como um dos mais violentos ataques ao Estado Novo: a autora que «desejando julgar o seu tempo ousou ler no passado a signa do presente» (como se lê no subtítulo) representa-nos uma cidade chamada Lusitânia, facilmente identificável, onde mandam padres e inquisidores e se realizam autos de fé, e onde há uma «feiticeira-cotovia» — a poesia, ou o seu agente, o poeta — que é julgada

39 Correia, 1993.

numa espécie de tribunal plenário e condenada à fogueira; porém, mesmo já convertida numa «estátua de chamas» — assim:

tombando-lhe a cabeça entrega a semente do seu espírito aos ventos onde canta a vontade do Rei da Luz para que os zéfiros novamente lancem na terra a Palavra que faz germinar a Cidade dos Homens Rádiosos

—, a Feiticeira Cotovia consegue, antes de morrer, fazer «descer o fogo do céu à terra», o qual se alastra pela cidade reduzindo-a a cinzas. Com tanta evidência, e submetida, como não poderia deixar de ser, à Comissão de Censura, a obra foi reprovada, censurada e proibida de circular.

Três anos mais tarde, meses antes do rebentamento da Guerra Colonial em Angola, o capitão Henrique Galvão, à frente de um grupo de exilados políticos portugueses e espanhóis ligados à DRIL (Direção Revolucionária Ibérica de Libertação), desencadeia a «Operação Dulcineia» — desvio do paquete *Santa Maria*, logo rebatizado *Santa Liberdade*, ao largo das Caraíbas — com o objetivo de chamar a atenção internacional para o que se passava em Portugal. Entusiasmada com esta operação, em que vislumbrou novos «prodígios marítimos», «argonautas do vela de ouro da libertação de um povo» comandados por um «Capitão do Impossível» (a lembrar o «Capitão do Fim», como Pessoa designou Bartolomeu Dias na *Mensagem*), e não perdendo de vista o Camões de *Os Lusíadas*, Natália escreveu, ao mesmo tempo em que decorria a operação revolucionária, um pequeno poema

épico — *Cântico do País Emerso* (1961) —, também editado por Luiz Pacheco, no qual reflete sobre esta nossa «praia do Ocidente» onde ao longo dos tempos aportaram pessoas

Que vieram passar o Verão
E como o clima é excelente
Tomaram a britânica decisão
De passar no resto da velhice

fazendo-nos esquecer «[t]udo o que em nós é atavicamente marítimo»; enfim, um país que não pode ser o seu e que por isso aguarda que alguém, de dentro — «Enquanto que o Navio-Nação partia, / Do Cais anterior / Cais Poesia» —, lhe venha resgatar a memória:

De mim mesma e de vós, ó Capitães trigueiros
Barbeados pelo sol penteados pela bruma!
Que extraístes do ar dessa coisa nenhuma
A génese a pluma do meu país natal.

Apesar de não ter sido muito positiva a receção deste poema pela crítica esclarecida da época — Gastão Cruz até o classificou como de um «Álvaro de Campos em segunda mão»⁴⁰ —, ele acabou por desempenhar o seu papel político e a prova disso é que foi de imediato apreendido pela PIDE. Afinal, Natália, e não só pelo sentido de oportunidade com que o produziu, estava em cima dos acontecimentos; e, como ela própria afirmou

40 Cruz, 1961, p. 29.

em entrevista, a poesia encontra-se «ligada aos momentos mais importantes da vida colectiva e individual»⁴¹ — e a Operação Dulcineia, pelas razões que levaram ao seu arranque e pelas consequências que haveria de trazer a muito curto prazo, era um deles.

Vivíamos então, como ficamos a saber pela «tragédia jocosa» que Natália trouxe a lume em 1965 com o título *O Homúnculo*, num país — chama-lhe *Mortocália* — onde reinava um homem — *El-Rei Salarim*, que dadas as suas características físicas «se pode dizer que por meios naturais era de esperar que já tivesse morrido há muito tempo» — que tinha por cortesãos um bispo «ricamente paramentado» e com voz de falsete, um general que o bispo considerava um «borda-d'água falante», e um bobo «vestido de catedrático» que se chamava Mnemésicus e que aparecia em cena trazendo debaixo do braço um «*Tratado de Mnemónica ou Método Facilíssimo para Decorar Muito em Pouco Tempo*, de um autor cego». Como escreveu Carlos Porto, esta peça é uma «tentativa de levantamento de um retrato do Portugal salazarista através de formas metafóricas em que as alusões são de total transparência».⁴² De facto, não será necessário escarafunchar muito nestas personagens para nelas entrevermos o ditador Salazar em diálogo com as instituições que o sustinham, porque lhes era útil: a Igreja — onde imaginamos o cardeal Cerejeira, com a sua voz de falsete —, os Militares,

41 *Jornal de Letras e Artes*, 23 de novembro de 1961.

42 Porto, 1985, p. 99.

e a velha Universidade de onde Salazar e Cerejeira eram oriundos. O resto ficou para a história, onde consta que o livro foi proibido pela censura, e que a peça só viria a ser encenada em 1970, já na chamada «primavera marcelista», mas mesmo assim à porta fechada, por um grupo de estudantes que formavam o Teatro de Bolso da Cantina da Cidade Universitária de Lisboa.

Ora, num país reinado por um ditador que se considerava vítima do «terrível privilégio de reinar sem o auxílio de uma voz discordante», que se recusava «ao contacto das fêmeas» e por isso praticava a castidade — o que inevitavelmente o obrigava àquele «viciozinho solitário», que era a sua «amante perpétua» — e onde tudo o que é moderno vem do inglês ou se faz à maneira «da área do esterlino» (exceto o ato de mijar) — ordenara «que se obstruíssem os orifícios por onde machos e fêmeas [...] se obstinavam em praticar essa antiga necessidade» — surge, a despropósito, uma tal *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1966), abundantemente recheada de palavrões e de ideias atentatórias da religião e dos bons costumes, que naturalmente desagradou ao ditador; e como a coletora e organizadora de tais blasfémias era Natália Correia, cá a temos, pela quarta vez em sete anos, a ver uma obra sua objeto de censura, e ela, juntamente com alguns colaboradores, incluindo o editor, constituídos réus num processo judicial que só ficaria concluído, com condenações, quatro anos mais tarde (1970).⁴³

43 Sobre este processo, veja-se Topa, 2015.

Além de ser um excelente exemplo, totalmente documentado, do que eram a justiça e as mentalidades oficiais em «Mortocália» durante o Estado Novo, este julgamento teve o mérito de dar origem a um dos mais citados poemas portugueses do século XX (pelo menos em alguns versos), «A Defesa do Poeta» — quase tanto como o «Mar Português» de Fernando Pessoa, «Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal! [...] Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena», etc. —, que Natália teve a veleidade de ler em tribunal (do que foi assisadamente dissuadida pelo advogado de defesa, Palma Carlos), vindo a incluí-lo, mais tarde, no livro *A Mosca Iluminada* (1972):

Senhores juízes sou um poeta
um multipétalo uivo um defeito
e ando com uma camisa de vento
ao contrário do esqueleto.

[...]

Senhores professores que pusestes
a prémio minha rara edição
de raptar-me em crianças que salvo
do incêndio da vossa lição.

Senhores tiranos que do baralho
de em pó volverdes sois os reis
sou um poeta jogo-me aos dados
ganho as paisagens que não vereis.

[...]

Senhores juízes que não molhais
a pena na tinta da natureza
não apedrejeis meu pássaro
sem que ele cante minha defesa.

Sou um instantâneo das coisas
apanhadas em delito de paixão
a raiz quadrada da flor
que espalmais em apertos de mão.

Sou uma impudência a mesa posta
de um verso onde o possa escrever.
Ó subalimentados do sonho!
A poesia é para comer.

[«A Defesa do Poeta»,
A Mosca Iluminada]

Ou para beber, se quiséssemos ir pela facilidade — que não era caminho ao jeito de Natália: eis que ela, ao mesmo tempo que os esbirros da justiça avançavam com o processo da *Antologia*, lança um novo livro, *O Vinho e a Lira* (1966), numa edição aprimorada graficamente, assumida por Fernando Ribeiro de Mello pela sua editora Afrodite. Este é, como todos os outros seus, um livro desconcertante, com fortes imagens e recursos de tons surrealistas — inclui, até, um poema, «As Silvas do Mandala», que traz por epígrafe uns versos do poeta e pintor surrealista francês Henri Michaux, de quem ela viria a traduzir o livro *Poteaux d'Angle*⁴⁴

44 *Postes Angulaires* (1973), na tradução de Natália.

(1971) —, e com não muito veladas referências ao estado da ditadura em Portugal, como se percebe, por exemplo, no conjunto de cinco poemas com o título «O Solstício da Besta», ou no poema «Velório», que assim encerra:

Nossos olhos parados são as frases votivas
que escrevemos na campa que nós somos de pé
e apenas percebemos que as nossas mãos estão vivas
porque o morto é único que não toma café.

[«Velório», *O Vinho e a Lira*]

E foi censurado, não sem que antes tivesse estado na Feira do Livro, inaugurada por Américo Tomaz.

Dois anos mais tarde, em 1967, Natália terminou aquela que é considerada pela crítica a sua obra-prima teatral, *A Pécora*, na qual aborda de forma metafórica, mas não tão imediata como fizera com o Salazar de *O Homúnculo*, as aparições de Fátima e todo o jogo político e os interesses económicos feitos e desenvolvidos a partir daí: segundo Carlos Porto, o que nesta peça está em jogo é

o questionamento do milagre aqui interpretado como o outro rosto do grande Negócio, o que passa pela exploração do homem pelo homem. Não como negação do cristianismo, segundo a A., mas como recusa de certas formas que a Igreja católica tem assumido ao longo da história.⁴⁵

45 Porto, 1985, p. 99.

Tendo, naturalmente, sido censurada antes de publicada, a peça circulou policopiada durante anos, e só viria a ser impressa em 1983 e encenada pela primeira vez em 1989, pelo Teatro da Comuna, com encenação de João Mota, no I Festival da Convenção Teatral Europeia, em Saint-Étienne, França, onde foi muito bem recebida. A estudiosa e crítica de teatro Irène Sadowska-Guillon escreveu, numa recensão, que a originalidade e a grande qualidade do trabalho da Comuna lhe permitira descobrir, com esta peça, «uma importante autora portuguesa, Natália Correia (nascida em 1923), militante antifascista cuja obra foi, em grande parte e durante muito tempo, proibida de representação e de circulação em Portugal», deixando de seguida os maiores elogios tanto à peça como à sua encenação e representação.⁴⁶

Até que chegamos a outra peça de teatro, *O Encoberto* (1969), que foi proibida de circular — «por inconveniência política e ser pornográfica», segundo consta no parecer do censor —, e naturalmente de ser levada à cena, decisão que se manteve apesar de Natália ter endereçado a Marcello Caetano uma carta — a que não obteve resposta — em que o tentou persuadir «acendendo-lhe com uma abordagem d’*O Encoberto* que procura descolar a simbologia e a discursividade da obra dos circunstancialismos políticos do país, mas a sua prosa argumentativa, que passa literalmente um atestado de incompetência aos censores de serviço, não evitará que a interdição da peça se mantenha até ao estertor

46 Sadowska-Guillon, 1990, pp. 38-39.

da ditadura»⁴⁷. De facto, a peça só viria a subir ao palco em fevereiro de 1977, em Ponta Delgada, e logo de seguida, em março, em Lisboa.

Vindo o 25 de Abril de 1974, Natália, como a generalidade dos portugueses, supôs que poderia, finalmente, usufruir em pleno do seu direito à liberdade de expressão — uma das grandes bandeiras da Revolução — e à crítica do poder; e, tal como sempre fizera, não o desperdiçou. Sendo uma figura notada e respeitada, e com provas dadas na matéria, foi convidada por João Gaspar Simões, então diretor do jornal *O Século*, para dirigir um suplemento dedicado à política, que sairia diariamente como encarte do jornal, tendo por título «Século — Hoje». Natália aceitou, formou uma equipa de redação constituída por jornalistas de prestígio, e o primeiro número da nova publicação saiu em 20 de abril de 1976 — trazendo, com o máximo relevo e com o estatuto de editorial, o texto integral da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Quatro dias mais tarde, em 24 de abril — véspera de eleições, e por isso «dia de reflexão», medida contra a qual Natália se manifestou exatamente por limitar a liberdade de expressão dos cidadãos —, o suplemento saiu, trazendo na primeira página, a vermelho e em letras gordas, a informação «Visado pela Comissão de Reflexão», fazendo lembrar aquela que, no tempo da censura, aparecia obrigatoriamente nos jornais: «Este número foi visado pela Comissão de Censura.» Os textos jornalísticos não eram assinados, sendo

47 Rosa, 2023, pp. 95-96.

coletiva a responsabilidade pelo que neles era dito, o que não permite identificar aqueles que eram da autoria de Natália; porém, foram publicados no suplemento diversos textos que coincidiam com o pensamento dela expresso em outros contextos, em que eram denunciadas as tentativas de tomada do poder pelo Partido Comunista, se criticava duramente o processo de descolonização em África, que fizera passar as antigas colónias para a órbita da União Soviética, e eram satirizadas personalidades importantes como o general Costa Gomes, então Presidente da República. Tudo isto levou a que, tal como ficou registado na ata da reunião do Conselho da Revolução de 29 de abril, e na sequência de uma proposta do Presidente da República, o Conselho da Revolução decidisse extinguir o «Século — Hoje» por publicar artigos que «não só prejudicam o processo democrático como são ofensivos e caluniosos para o Conselho da Revolução e para as Forças Armadas, quer no seu todo, quer nas pessoas de alguns militares». A proibição teve efeitos imediatos, tendo o último número — o 9 — saído no dia seguinte. Depois, foi o silêncio.

Finalmente, temos o estranho caso de outra peça de teatro cuja produção cénica foi impedida por decisão do governo. Tendo sido convidada, em 1979, por Lima de Freitas, então diretor do Teatro Nacional D. Maria II, para escrever uma peça de teatro a ser encenada no âmbito das comemorações do IV Centenário da Morte de Camões, Natália aceitou o convite e iniciou de imediato o trabalho de escrita do que viria a ser *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*. Uma peça com características

operáticas (conta com 44 personagens e 36 figurantes especiais portadores de voz, além de várias dezenas de figurantes convencionais, incluindo coros), que deu por terminada e entregou em menos de um ano (junho de 1980). Porém, o secretário de Estado da Cultura à época, Vasco Pulido Valente — é preciso não esquecer que este *Camões* de Natália bem como o seu D. Sebastião não correspondem em muitos aspectos ao *Camões* e ao D. Sebastião da história oficial...⁴⁸, mas também que, por outras razões, Natália havia entrado em guerra aberta com o secretário de Estado, o qual, findo este caso, ela passou a designar por «aquele que tem *asco* no nome»... —, não permitiu que a peça fosse produzida no Teatro Nacional; e fê-lo não por qualquer despacho, mas, antes, com recurso a um argumento expedito que, ao contrário do que se passava com a censura do Estado Novo, não deixaria rastros: suprimiu o financiamento. A peça viria a ser publicada em livro em 1981, em edição de luxo de Fernando Ribeiro de Mello / Afrodite — edição que, segundo declararia o editor mais tarde, foi, «desde o início da sua comercialização e durante muitos anos, um verdadeiro desastre comercial» —, com direito a lançamento no mesmo Teatro de D. Maria II, com a presença do ministro da Cultura, Lucas Pires, o qual, quando Lima de Freitas recordou que a montagem da peça não se concretizara por culpa do então secretário de Estado da Cultura, abandonou a mesa da sessão alegando depois que

48 Sobre esta peça e as questões que ela suscita, veja-se Rosa, 2023, pp. 121-129, e Martins, 2023, pp. 487-491.

assim procedera por não concordar que se fizessem processos administrativos ao seu ministério, «ainda que respeitantes ao passado». A peça só seria encenada, pela primeira vez, em 1988 — não pelo Teatro Nacional, como era suposto que o fosse, até porque fora de lá que saíra a ideia, mas pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Embora Natália fosse deputada pelo Partido Social Democrata, que liderava a Aliança Democrática que sustentava o governo, quando o assunto foi levado a plenário pela voz de António Reis, deputado do Partido Socialista, na oposição, Natália não reagiu: terá preferido deixar que a situação falasse por ela própria.

Esta terá sido uma das muito poucas situações com repercussão pública em que Natália se calou perante uma situação de injustiça de que fora alvo, em nome de valores como — sendo o caso — o da lealdade político-partidária: afinal, fora um membro do governo que apoiava, enquanto deputada, que censurara uma obra dela, enquanto autora. Mas uma mulher como ela não era de engolir desaforos: pouco mais de um ano depois, desvinculou-se do partido, formalmente por lhe ter sido retirada a vice-presidência da Comissão de Cultura e Ambiente da Assembleia da República, mas — e a essência do argumento vai muito além disto, cobre-lhe a vida toda — porque se recusava «a ser um instrumento cego do partido no âmbito da cultura».

Se Natália foi, talvez, o único autor português que viu obras suas censuradas antes e depois do 25 de Abril, foi certamente o único que desafiou, aberta e conscientemente, o poder — arcando com

as consequências: desafiou Salazar quando ele estava no máximo do seu poder, e teve sete livros apreendidos e foi acusada, julgada e condenada em tribunal plenário; defendeu e aplicou ideias e valores estéticos em literatura que destoavam dos dos escritores da corrente dominante, mesmo nos meios antifascistas, e foi desprezada por eles: Jorge de Sena, que ela considerava representante de «postulados e de estilos exauridos que resultam numa remanipulação do já criado», chamou-lhe «cafajeste» e, ao que consta, «vaca açoriana»⁴⁹; desafiou o Partido Comunista, que aspirava a tomar o poder em Portugal antes das eleições, e passou a ser vista como reacionária, ou seja, antirrevolucionária e mesmo, para certas mentes, fascista; desafiou o Conselho da Revolução, e um jornal que dirigia foi expressamente extinto; opôs-se à adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia, e mais tarde ao Acordo de Schengen, porque achava que isso representaria a adesão a uma «Europa tecnocratizada» «que se demite dos seus mitos, das suas infraestruturas culturais que estão a ser arrasadas pela barbárie colectivista e tecnológica» e que estava a ser invadida pelo pior da Europa que formou a civilização norte-americana»⁵⁰ —, e foi acusada de antieuropeísta (ela, a mesma mulher que, muitos anos antes, escrevera um livro com o título *Descobri que era Europeia* e, em 1973, um livro de poesia a que chamara *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro*); deu-nos, em *Erros Meus, Má*

49 Martins, 2023, p. 192.

50 *Ibid.*, p. 339.

Fortuna, Amor Ardente, uma interpretação das figuras de Camões e de D. Sebastião que não correspondiam à do entendimento oficial, e esta peça, que lhe fora encomendada pelo poder democrático da altura, foi impedida de ser levada à cena por esse mesmo poder — de que ela fazia parte, enquanto deputada, mas que acabaria por apostatar em nome da liberdade de pensamento e da criação cultural, e contra qualquer tipo de censura.

É este o *essencial* de Natália Correia.
Com microfone e altifalante.

Cem anos de Natália

Uma biobibliografia — e porque não? Afinal, todas estas Natálias decorreram entre 13 de setembro de 1923 e 16 de março de 1993 — malpassados os 68 anos e meio de vida —, e procriaram até algures no ano de 2023. Aqui se registam, ano por ano, por vezes mês por mês, e sempre que possível dia por dia, os livros que Natália publicou e os factos que foi possível apurar acerca desta mulher brilhante e nebulosa, que foi Juno e foi nuvem, que foi Sol e foi Lua — e que, depois de peneirados por cada um que os ler, deixarão à tona a flor da farinha que é a essência de Natália. Além da minha investigação pessoal, recolhi elementos em vários autores: quando coincidem, são factos documentados; quando não, interpretações ou derivações, ou então baseados em fontes diferentes. Nas frases iniciadas por predicado sem sujeito expreso, o sujeito real é, naturalmente, Natália. Assim:

1923 13 de setembro: Natália de Oliveira Correia nasce na freguesia de Fajã de Baixo,

ilha de São Miguel, filha de Manuel Medeiros Correia, comerciante e administrador de propriedades, e de Maria José de Oliveira, professora, que já tinham uma filha (Cármen). A família residia no primeiro andar de um edifício camarário (e não casa solarenga, como há quem diga) que fora anteriormente um interposto comercial de ananases, em cujo rés do chão funcionava a escola feminina onde lecionava Maria José.

1929 O pai emigra para o Brasil, abandonando a mulher e as filhas.

1934 Frequenta o Liceu Nacional de Ponta Delgada (Liceu Antero de Quental).
A mãe pede transferência para Lisboa, para onde se muda com as filhas.

1935 Frequenta o 1.º ano do Curso Geral dos Liceus no Liceu D. Filipa de Lencastre.

1936 Conclui o 2.º ano do Curso Geral dos Liceus.

1938 A mãe funda um colégio particular, onde Natália prossegue os estudos.

1942 **2 de setembro:** casa-se, aos 19 anos, com Álvaro Dias Ferreira, escrivão do Tribunal da Boa Hora. A justificação deste casamento seria a obtenção automática do estatuto de maior de idade, que então só advinha aos 21 anos. O casamento duraria, do ponto de vista formal, até maio de 1946.

Atua como cançonetista na Emissora Nacional, com o pseudónimo de *Célia Navarro*.

1944 Na sequência de uma participação, como leitora de poesia, num programa semanal de temática açoriana da Rádio Club

Português, é contratada como locutora por esta estação, utilizando o nome próprio e o apelido de casada: *Natália Dias Ferreira*.

29 de abril: o jornalista Humberto de Mergulhão publica, numa crónica de apresentação de Natália no jornal *O Século Ilustrado*, o poema «Aquela ilha esquecida», que faz parte do livro *Rio de Nuvens* que só viria a ser publicado em 1947; este foi, assim, o primeiro poema de Natália a ser publicado.

24 de novembro: é demitida do Rádio Club Português, provavelmente já por razões políticas, juntamente com Humberto de Mergulhão; as notícias da sua demissão referem-na como «a locutora Natália Correia — uma linda voz que vencerá na Rádio»⁵¹.

A mãe de Natália publica, sob o pseudónimo de *Ana Maria*, o romance *Almas Inquietas* (Lisboa, Agência Editorial Brasileira).

1945 **23 de abril:** a convite de Artur Geraldo Soares, editor-chefe do jornal *Portugal, Madeira e Açores*, inicia a sua colaboração quinzenal neste jornal, assinando *Natália Correia*, com uma série de entrevistas a personalidades açorianas sob o título genérico «Como os insulares de hoje veem as ilhas de amanhã». O primeiro entrevistado foi o general Lacerda Machado (Lajes do Pico, 1870 – Lisboa, 1955), historiador e etnógrafo. Seguiram-se, como entrevistados: Diniz da Luz (São Pedro Nordestinho,

51 *Vida Mundial Ilustrada*, 14 de dezembro de 1944, p. 9.

São Miguel, 1915-1988), padre, poeta e jornalista (10 de maio); Armando da Cunha Narciso (Urzelina, S. Jorge, 1890 – Lisboa, 1948), médico, investigador, escritor e autonomista (24 de maio); José Vieira da Areia (Lajes, Terceira, 1902 – Lisboa, 1967), jornalista, tradutor e revisor (7 de junho); Marcelino de Almeida Lima (Horta, 1868 – Lisboa, 1961), jornalista, romancista e historiógrafo (7 de julho); Augusto Rebelo Arruda (Ponta Delgada, 1888 – Fajã de Baixo, 1964), político, advogado e empresário (23 de julho); Agnelo Casimiro (Vila Nova de Ourém, 1879 – Ponta Delgada, 1952), professor, jornalista e advogado (10 de novembro); e Duarte Castanheira Lobo (1871-1953), advogado, que foi secretário-geral do Partido Trabalhista (23 de novembro e 10 de janeiro de 1946).

Milita no Partido Trabalhista, que, em 1947, viria a ser integrado no Partido Socialista. Participa no MUD – Movimento de Unidade Democrática, criado na sequência do fim da II Guerra Mundial.

Publicação do segundo romance da mãe, *Plano Inclinado* (Lisboa, Casa do Livro), também como *Ana Maria*.

1946 **7 de abril:** publica o poema «Manhã Cinzenta. À partida de São Miguel» no jornal *Portugal, Madeira e Açores*, de Lisboa. **Maio:** conclusão do atribulado processo de divórcio de Álvaro Dias Ferreira. **22 de novembro:** subscreve, com muitos outros intelectuais e jornalistas, o abaixo-assinado

«Os Intelectuais Portugueses Protestam» contra o fascismo, a censura e todas as arbitrariedades do regime de Salazar, entregue neste dia na Presidência da República. Natália assina como jornalista. **26 de novembro:** termina a sua colaboração no jornal *Portugal, Madeira e Açores*.

Inicia a colaboração no jornal *Sol*, a convite do seu fundador, Alberto Lello Portela, com uma coluna a que deu o título genérico de «Breve História da Mulher».

Publica *Grandes Aventuras de um Pequeno Herói* (Romance Infantil) e *Anoiteceu no Bairro* (Romance), título que durante os anos de 1960 e até 25 de Abril de 1974 foi por ela omitido das listas das suas obras publicadas por o considerar «programado» politicamente.

1947 Publica *Rio de Nuvens* (Poesia).

É vogal da direção da Cooperativa Fraternidade Operária, de Lisboa, com António Sérgio, sendo presidente Amílcar Ramada Curto.

Passa a ser referenciada pela PIDE.

1948 **1 de maio:** publica, no jornal *Sol*, um artigo sobre o cooperativismo, para assinalar o Dia Internacional do Trabalhador.

12 de julho: o general Norton de Matos apresenta, na sua casa de Ponte de Lima, a candidatura à presidência da República.

20 de novembro: publica, também no *Sol*, com o título «Um encontro inesperado em Ponte de Lima», um artigo / entrevista a Norton de Matos.

O MUD é ilegalizado e presos os seus principais dirigentes.

1949 2 de fevereiro: discursa num comício no âmbito da campanha de Norton de Matos realizado no Centro Republicano Dr. Alberto da Costa, em Lisboa, no qual desmonta a tríade do Estado Novo, «Deus, Pátria e Família». **29 de junho:** casa-se em Tânger com o meteorologista norte-americano radicado em Lisboa, onde trabalhava nos Serviços Meteorológicos da Aviação, William Creighton Hyller. São muito escassas as informações sobre esta inesperada relação.

Apoia a candidatura de Norton de Matos à presidência da República.

1950 6 de junho: parte de viagem para Boston, na companhia do marido, iniciando aqui um pequeno périplo que se iniciou em Boston e terminou em Nova Iorque, com passagens por Portland, Providence, New Bedford, Washington, Virginia e Baltimore, tendo sido apresentada a diversas personalidades importantes da política, da administração, da universidade e da comunicação social.

1951 Divorcia-se, em data incerta. **1 de maio:** paga ao agora ex-marido a quantia de 1150 dólares para que o processo de divórcio fosse agilizado.

Publica *Descobri que era Europeia. Impressões de uma Viagem à América* (Viagens).

1952 Março: visita Buenos Aires, em companhia da irmã Cármen, emigrada no Brasil.

Escreve *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* (Teatro), com Manuel de Lima. A obra só viria a ser publicada em 2013.

1953 31 de julho: casa-se com Alfredo Machado, gerente e dono do Hotel Império, em Lisboa.

Arrenda o 5.º andar do n.º 52, na rua Rodrigues Sampaio, em Lisboa, para onde se muda e fixa residência até ao fim da vida.

1955 Julho: A sua tradução da peça *Huis-Clos*, de Jean-Paul Sartre, é estreada à porta fechada em sua casa, com encenação de Carlos Wallenstein, seu conterrâneo de São Miguel e da mesma geração, cenografia de João Santiago, e tendo como atores Alexandre de Castro Freire, Maria Ferreira e Manuel de Lima.

Publica *Poemas* (Poesia).

1956 25 de janeiro: morte da mãe, no Brasil.

1957 6 de outubro: participa no 1.º Congresso Republicano, em Aveiro, com a comunicação «Política de espírito desnacionalizante».

Publica *Dimensão Encontrada* (Poesia) e *O Progresso de Édipo* (Poema Dramático).

Recolhe, com Urbano Tavares Rodrigues, assinaturas para um «Manifesto dos intelectuais portugueses sobre o problema da Censura», onde constam, entre outros, os nomes de Adolfo Casais Monteiro, Alexandre O'Neill, António José Saraiva, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, João Gaspar Simões, Jorge de Sena, José Cardoso Pires e Miguel Torga.

1958 20 de fevereiro: estreia no São Carlos da ópera *Wozzeck*, de Alban Berg (1885-1935), com libreto adaptado da peça *Woyzeck*, de Karl Georg Büchner, traduzida como *Wozzeck* por Natália, com a colaboração de Rosário Corte-Real. A tradução, com prefácio de Manuel de Lima, foi posta à venda no teatro, mas logo retirada de circulação. Publica *Passaporte* (Poesia) e *Poesia de Arte e Realismo Poético* (Ensaio).

Escreve a peça *D. João e Julieta*, que só viria a ser publicada em 1999.

Estreia cénica da peça *Dois Reis e um Sono. Há grande Complicação na Corte do Mandrião*, escrita com Manuel de Lima (encenação de António Manuel Couto Viana, Companhia de Teatro Gerifalto, Teatro Monumental, Lisboa).

Apoia a candidatura de Humberto Delgado à presidência da República.

Jorge de Sena, que nunca gostou de Natália — nem ela dele —, exclui-a da sua antologia *Líricas Portuguesas*.

1959 Abril: assina, com outras personalidades — Mário Soares, José Cardoso Pires, Urbano Tavares Rodrigues, Nikias Skapinakis, Fernando Namora, entre muitos outros —, uma exposição ao governo exigindo que fosse arquivado o processo-crime aberto contra Aquilino Ribeiro na sequência da publicação do romance *Quando os Lobos Uivam* (1958).

Publica *Comunicação: em que se da notícia dvma cidade chamada vlgarmente*

Lvsitania através algvns fragmentos dos oxyrhynchus papyri interpretados pela autora que desejando julgar o seu tempo ousou ler no passado a signa do presente (Poema Dramático), que é proibido pela censura (**outubro**) e apreendido pela PIDE (**novembro**).

1961 22 de janeiro: Henrique Galvão desencadeia e comanda a «Operação Dulcineia» — desvio do pacote *Santa Maria* — durante dez dias.

Publica *Cântico do País Emerso* (Poesia), homenagem à «Operação Dulcineia» e escrito enquanto duravam os acontecimentos. O livro é apreendido pela PIDE.

1962 Março: participa em Florença, com outros escritores portugueses (Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires, Orlando da Costa, Alexandre O'Neill, e mais), no II Encontro da COMES *Comunità Europea degli Scrittori* de apoio aos escritores que viviam sob ditaduras. Na sequência deste Encontro, subscreve — com Jean-Paul Sartre, Marguerite Duras e Camilo José Cela, entre muitos outros — uma mensagem dirigida ao presidente norte-americano John F. Kennedy contra o embargo a Cuba e a expulsão deste país da OEA — Organização dos Estados Americanos.⁵²

52 Martins, 2023, p. 209.

Publica *A Questão Académica de 1907* (Ensaio), com prefácio de Mário Braga, na sequência da crise académica de 1962, na Universidade de Coimbra.

Conhece o jovem poeta Dórdio Guimarães, filho do pintor, caricaturista e cineasta Manuel de Guimarães.

1965 **13 de fevereiro:** assassinio de Humberto Delgado. **21 de maio:** extinção da SPE — Sociedade Portuguesa de Escritores, na sequência da atribuição do Grande Prémio da Novela ao angolano, e preso político, José Luandino Vieira. Natália é um dos 180 subscritores de um abaixo-assinado de protesto contra a extinção da SPE.

7 a 9 de outubro: realiza-se, no Porto, por iniciativa do Círculo Almeida Garrett (afeto ao regime), o 1.º Encontro de Escritores Portugueses, em que participaram cerca de 300 escritores. Natália recusou-se a participar.

Publica *O Homúnculo. Tragédia Jocosa com Quatro Ilustrações da Autora* (Teatro), proibida pela censura. A escritora Fernanda de Castro, mulher de António Ferro, admiradora de Salazar e amiga de Natália, manifesta-lhe por carta privada o seu desagrado pela publicação deste livro.

1966 Publica *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: Dos Cancioneiros Medievais à Atualidade* (Antologia), seleção, prefácio e notas de Natália Correia, com ilustrações de Cruzeiro Seixas, apreendida

pela censura e objeto de um longo processo judicial, e *O Vinho e a Lira* (Poesia), também proibido pela censura.

17 de janeiro: data da primeira peça do processo judicial.

1967 Escreve *A Pécora* (Teatro); tendo sido proibida pela censura, a peça circulou em fotocópias, a que teve acesso o encenador João Mota.

Publica a sua tradução de *Teatro de Lope de Vega: Peribáñez e o Comendador de Ocaña, O Cachorro do Hortelão e Fuenteovejuna* (Tradução das peças *Peribáñez y el Comendador de Ocaña, El Perro del Hortelano, Fuenteovejuna*).

1968 **14 de maio:** torna-se sócia da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, futura SPA — Sociedade Portuguesa de Autores. **Outubro:** morte do pai, Manuel Medeiros Correia.

Publica *Mátria* (Poesia), *A Madona* (Romance), e, no *Diário de Notícias*, a série «O poeta e o mundo».

1969 Publica *O Encoberto* (Teatro), proibido pela censura. **7 de abril:** dirige uma carta a Marcello Caetano, com o intuito de o convencer a que fosse levantada a interdição de produção de *O Encoberto*, a qual não teve resposta. **3 de junho:** início, no Tribunal Plenário Criminal de Lisboa, do julgamento sobre a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: Dos Cancioneiros Medievais à Atualidade*. **Setembro:** adere à CEUD – Comissão

Eleitoral de Unidade Democrática, liderada por Mário Soares.

Publicação do disco *Natália Correia diz Poemas de Sua Autoria* (Lisboa, Valentim de Carvalho, coleção «Voz e Texto»).

Colabora na revista *Notícia*, de Luanda, e no *Diário de Notícias*.

1970 3 de fevereiro: data do veredicto do censor que considera que a peça *O Encoberto* é «de proibir por inconveniência política e ser pornográfica». **21 de março:** conclusão do julgamento da *Antologia*, com este resultado:

Natália Correia e Fernando Ribeiro de Melo são condenados a 90 dias de prisão substituídos por igual tempo de multa e mais 15 dias de multa, sendo estas à razão de 50\$00 diários; Mário Cesariny de Vasconcelos, Luiz Pacheco, Ary dos Santos e Melo e Castro são condenados a 45 dias de prisão, substituídos por igual tempo de multa e mais sete dias de multa, variando o valor destas em função dos rendimentos de cada um. Em todos os casos, acrescia ainda o imposto de justiça e a taxa de procuradoria. Ary dos Santos e Ribeiro de Melo chegam a ser objeto de mandado de captura por não efetuarem o pagamento de forma atempada, mas o único réu cuja sentença é convertida em pena de prisão é Luiz Pacheco.

O processo termina [...] com a destruição pelo fogo do exemplar da *Antologia* apenso

ao processo, mas antes desse são destruídos da mesma forma pela PIDE (agora Direção-Geral de Segurança) os 37 exemplares que tinham sido apreendidos. A diligência é efetuada.⁵³

25 de abril: estreia cénica, à porta fechada, da peça *O Homúnculo* (Teatro de Bolso da Cantina da Cidade Universitária, Lisboa). Publica *As Maçãs de Orestes* (Poesia), *Trovas de Dom Dinís* (Antologia) e *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (Antologia). Escreve o libreto da ópera *Em Nome da Paz*, de Álvaro Cassuto, que só viria a ser estreada em 1978.

1971 31 de julho: estreia da cantata cénica *O Romance de D. Garcia*, com texto de Natália Correia e David Mourão-Ferreira e música de Joly Braga Santos (Festival Internacional de Música, Vilar de Mouros).

Constitui, com Isabel Meyrelles, a Sociedade Correia e Meyrelles, dona do *Botequim*, em Lisboa. O marido, Alfredo Machado, fica como sócio-gerente. A sociedade viria a desfazer-se em 1977, com o regresso de Isabel Meyrelles a Paris.

É diretora literária da Editora Estúdios Cor.

1972 Publica *A Mosca Iluminada* (Poesia). Publicação, pela Estúdios Cor, das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria

53 Topa, 2015, p. 138.

Velho da Costa. No processo judicial instaurado às autoras, Natália é arguida na qualidade de responsável editorial; porém, Romeu Correia de Carvalho e Melo, administrador-delegado da editora, assume a total responsabilidade pela publicação, uma vez que Natália ainda estava a cumprir pena de prisão suspensa, na sequência do julgamento de *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*.

1973 Abandona a direção literária da Estúdios Cor, em desavença com a administração, recebendo manifestações de apoio de escritores como José Rodrigues Miguéis e Vergílio Ferreira. Assume cargo idêntico na Editora Arcádia.

Março: Viagem à Guiné, como diretora literária da Editora Arcádia, onde é recebida pelo governador, general António de Spínola, que então preparava o seu livro *Portugal e o Futuro*. **2-7 de maio:** participa, com Vitorino Nemésio e David Mourão-Ferreira, no *Festival International du Livre*, em Nice. **27 de junho:** data da última peça do processo judicial da *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*.

Publica *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (Poesia), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (Antologia), *A Mulher. Antologia Poética* (Antologia) e a sua tradução de *Postes Angulares*, do poeta e pintor surrealista Henri Michaux (Tradução). Trata-se da primeira parte de *Poteaux d'Angle* (Paris, Les Éditions de l'Herne, 1971; o livro original

só viria a ser publicado integralmente mais tarde, em Saint-Clément-de-Rivière, Les Éditions Fata Morgana, 1978).

1974 Janeiro: a sua tradução da peça *Platonov*, de Antón Tchékhov, é estreada no Teatro Maria Matos, em Lisboa, com encenação de Jorge Listopad (Companhia RTP / Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa).

18 de abril: recebe o cartão de sócia da nova Associação Portuguesa de Escritores.

15 de julho: inicia a sua colaboração, como colunista, no jornal *A Capital*, que passara a ser dirigido por David Mourão-Ferreira.

A coluna tinha por título genérico «Crónicas Vagantes». **24 / 25 de abril:** encontra-se no *Botequim*, onde festeja a queda da ditadura na companhia do poeta surrealista francês e vagamundo André Coyné e do jornalista e escritor francês Dominique De Roux. **Outubro:** é expulsa da Editora Arcádia pelo proprietário da mesma, Licínio Ribeiro.

Publica *Uma Estátua para Herodes* (Ensaio). Escreve os textos dramáticos *Romance de Dona Mariana* e *D. Carlos de Além-Mar*, inéditos. Poderão tratar-se de *A Donzela Que Vai À Guerra* e *Dom Carlos de Além-Mar*, publicados em *Obra Dramática Completa de Natália Correia* (Lisboa, Imprensa Nacional, 2023, pp. 391-455).

1975 Abril: durante uma sessão da SPA em que se discutia a nacionalização do teatro, sendo contra tal ideia por atentar contra a independência de opinião, é esbofetada

por um funcionário daquela instituição. **28 de julho:** por decisão da comissão de trabalhadores do jornal *A Capital*, as «Crónicas Vagantes» deixam de ser publicadas; solidarizando-se com Natália, David Mourão-Ferreira demite-se do cargo de diretor do jornal. **25 de agosto:** inicia uma colaboração semanal no jornal *A Luta*, dirigido por Raul Rego. **Setembro:** desloca-se à ilha de São Miguel, no auge das movimentações da FLA – Frente de Libertação dos Açores. Fica alojada em casa de Margarida de Jácome Correia, então amante de Vitorino Nemésio. Durante um almoço de conspiradores no ilhéu de Vila Franca, com a presença de Vitorino Nemésio, este é «convidado» para ser o presidente da futura República dos Açores. **16 de novembro:** na sequência do cerco ao Palácio de São Bento e sequestro dos deputados no seu interior (dias 12-13 deste mês), e na previsão de uma onda de violência contra personalidades públicas moderadas, sai de Lisboa e instala-se em Tomar.

Publica *Poemas a Rebate* (Poesia), onde reúne poemas censurados de livros anteriores. Este livro não viria a ser integrado como tal pela autora na sua *Poesia Completa*.

1976 **22 de março:** termina a sua colaboração em *A Luta*. **31 de março:** juntamente com Margarida de Jácome Correia, faz um telefonema noturno para Vitorino Nemésio, que se encontrava em Barcelona, exigindo a sua presença em Lisboa, no dia seguinte,

para uma reunião no Conselho da Revolução sobre a situação política nos Açores. Este facto dá origem ao poema «Margarida e Natália falam-me de Lisboa, de urgência» de Nemésio (em *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*). **20 de abril:** início da publicação do suplemento político diário «O Século — Hoje», dirigido por Natália, como encarte do jornal *O Século* de que era diretor João Gaspar Simões. **25 de abril:** primeiras eleições para a Assembleia da República. **29 de abril:** na sequência de uma proposta do Presidente da República, Costa Gomes, o Conselho da Revolução decide extinguir o suplemento «O Século — Hoje» por publicar artigos que, como se encontra registado na ata da reunião, «não só prejudicam o processo democrático como são ofensivos e caluniosos para o Conselho da Revolução e para as Forças Armadas, quer no seu todo, quer nas pessoas de alguns militares». **30 de abril:** publicação do número 9 e último de «O Século — Hoje». **6 de maio:** estreia-se como diretora da revista *Vida Mundial*, levando consigo vários elementos do extinto «O Século — Hoje». **Julho:** é consultora para os Assuntos Culturais Internos da Secretaria de Estado da Cultura, então tutelada por David Mourão-Ferreira. Publica *Epístola aos Iamitas* (Poesia), pelo qual critica a ascensão do comunismo e o modo precipitado como se fizera a descolonização em África.

- 1977 11 de fevereiro:** estreia cénica da peça *O Encoberto* (Companhia Repertório Cooperativa Portuguesa de Teatro, Teatro Micaelense, Ponta Delgada). **2 de março:** estreia em Lisboa de *O Encoberto* (Teatro Maria Matos, Lisboa).
Recebe o prémio *La Fleur de Laure*, instituído pelo *Centre International de Poésie Néo-Latine* e pelo *Comité des Prix Petrarque de Poésie Néo-Latine*.
- 1978 26-28 de fevereiro:** estreia da ópera *Em Nome da Paz*, de Álvaro Cassuto, com libreto de Natália Correia, encomendada pela Fundação Calouste Gulbenkian (Teatro Nacional de São Carlos, Lisboa).
Publica *Não Percas a Rosa. Diário e Algo Mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975)* (Diário).
- 1979 2 de dezembro:** é eleita, em eleições intercalares, deputada à Assembleia da República integrada nas listas da AD – Aliança Democrática.
Publica *O Dilúvio e a Pomba* (Poesia).
Acompanha, na ilha de São Miguel, as gravações do filme de sua autoria, *Santo Antero*, com realização de Dórdio Guimarães. É convidada por Lima de Freitas, então diretor do Teatro Nacional D. Maria II, para escrever a peça que viria a ser *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*.
- 1980 27 de junho:** conclusão de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (versão dactilografada). **5 de outubro:** é eleita deputada à Assembleia da República pelo PSD –

Partido Social Democrata, integrado na AD — Aliança Democrática (**II Legislatura**, 1980-1983). **21 de outubro:** pelo Decreto Regulamentar Regional N.º 49/1980/A, é aprovada a letra do *Hino Oficial da Região Autónoma dos Açores*, de sua autoria.

Entrega ao Teatro D. Maria II o dactiloscrito de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*. No entanto, a peça nunca viria a ser encenada pelo Teatro Nacional.

1981 13 de julho: é feita Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, pelo Presidente Ramalho Eanes.

Publica *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (Teatro); há muitas variantes de autor entre o texto desta edição e o do dactiloscrito de 1980. A tiragem foi de 4200 exemplares, 1500 deles em folha dobrada; de acordo com o editor, a obra foi «*um verdadeiro desastre comercial*, não estando ainda esgotada ao fim de 10 anos».

A RTP – Radiotelevisão Portuguesa inicia a transmissão da série de nove programas intitulada *Neste Lugar Onde...*, com textos e apresentação de Natália Correia e realização de Dórdio Guimarães, sobre lugares, factos e personalidades importantes para a cultura portuguesa. O programa duraria até abril de 1982.

1982 2 de abril: o editor Fernando Ribeiro de Mello (Afrodite) paga à Sociedade Portuguesa de Autores a quantia de 90.625\$00 (noventa mil seiscentos e vinte e cinco escudos), referente à primeira prestação

dos direitos de autor de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*. **Junho:** desloca-se aos Estados Unidos da América, em representação do Presidente da República, no âmbito das comemorações do Dia de Portugal. **22 e 29 de junho:** a RTP transmite o programa «Aí Vai Lisboa», com texto e apresentação de Natália Correia e realização de Dórdio Guimarães. **11-14 de outubro:** integra a comitiva presidencial na visita de Estado de Ramalho Eanes à Áustria. **20 de dezembro:** em carta dirigida ao presidente do grupo parlamentar do PSD, Vítor Crespo, desvincula-se do partido por lhe ter sido retirada a vice-presidência da Comissão de Cultura e Ambiente da Assembleia da República, e porque se recusava «a ser um instrumento cego do partido no âmbito da cultura», passando a deputada independente.

Publica *A Ilha de Sam Nunca. Atlantismo e Insularidade na Poesia de António de Sousa* (Antologia), organização de Natália Correia; é o primeiro e único volume da coleção «Antília», por ela dirigida. Publica ainda *Antologia de Poesia do Período Barroco* (Antologia), introdução e organização de Natália Correia, e *Notas para uma Introdução às Cantigas d'Escárnio e de Mal Dizer Galego-Portuguesas* (Ensaio).

1983 **4 de março:** assiste em Ponta Delgada à estreia do filme *Santo Antero*, com texto de sua autoria e realização de Dórdio Guimarães.

Publica *A Ilha de Circe* (Conto e Novela), que é a sua estreia no género conto («Mãe, Mãe, por que me abandonaste?») e «As Nações Unidas»; a novela dá o título ao livro); publica ainda *A Pécora* (Teatro).

1984 29 de maio: pela Resolução da Assembleia da República n.º 18 / 84, é eleita membro do Conselho de Comunicação Social.

27 de junho: estreia pública, em Ponta Delgada, do novo *Hino dos Açores*, com letra de Natália Correia.

1985 Publica *O Armistício* (Poesia).

Apoia o PRD – Partido Renovador Democrático, de Ramalho Eanes.

Integra a delegação portuguesa de visita à União Soviética.

1986 9 de maio: transmissão pela RTP do primeiro episódio — «As Fundadoras» — da série *Mátria* (1984), de 20 episódios, com autoria e apresentação de Natália e realização de Dórdio Guimarães, dedicada à figura feminina na sua dimensão cultural. O assinalável êxito desta série faz dela uma figura de grande notoriedade pública.

Apoia a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo à presidência da República.

Desloca-se à União Soviética para participar num encontro de escritores, onde é discutida a *perestroika* em curso.

1987 19 de julho: é eleita deputada à Assembleia da República pelo PRD (V Legislatura, 1987-1991).

Publica *Onde está o Menino Jesus?* (Contos).

Desloca-se à Escandinávia integrada numa delegação parlamentar.

1988 27 de junho: transmissão do último episódio da série *Mátria*, dedicado, tal como os dois anteriores, a Florbela Espanca.

27 de outubro – 26 de novembro: estreia cénica da peça *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (ACARTE, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).

Publica *Somos Todos Hispanos* (Ensaio).

1989 22 de janeiro: morte do marido Alfredo Machado. **4 de junho:** profere, em Angra do Heroísmo, o discurso «Para Evocar Vitorino Nemésio na Praia da Vitória», no âmbito da presidência aberta de Mário Soares nos Açores (**29 de maio – 9 de junho**). **12 de junho:** apresentação, na RTP, da gravação da encenação de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, com realização de Jaime Campos. **16-26 de novembro:** estreia cénica da peça *A Pécora* (encenação de João Mota pela Comuna – Teatro de Pesquisa, no *1^{er} Festival de la Convention Théâtrale Européenne*, Saint-Étienne, França), no âmbito das comemorações do II Centenário da Revolução Francesa. A peça e a sua encenação tiveram um grande sucesso, como se pode concluir de uma recensão então publicada:

Le Théâtre Comuna de Lisbonne, dont l'originalité et la grande qualité du travail n'est plus à démontrer nous a fait découvrir à travers la pièce *A Pecora, mystère de la passion de Sainte*

Melania, un important auteur portugais, Natalia Correia (née en 1923), militante antifasciste, dont une grande partie de l'œuvre fut pendant longtemps interdite de représentation et de diffusion au Portugal. La pièce est l'histoire d'une sainte prostituée dans un monde de misère et de superstitions: une ville du sud brûlée par le soleil, où les dévots, le curé et les êtres extraordinairement libres, enfants de la nature, vivent dans une étrange communion; l'œuvre est traitée par le metteur en scène Joan Motta comme un mystère ritualisé où s'interpénètrent le sacré et le profane. C'est un spectacle total où l'image, la lumière, le mouvement, le geste, le chant et la parole constituent un langage polyphonique dont la perception est à la fois intellectuelle, sensorielle et émotionnelle.⁵⁴

7 de dezembro: estreia em Portugal de *A Pécora* (Teatro da Comuna, Lisboa).

Escreve *Auto do Solstício de Inverno* (Texto Dramático), inédito até 2005.

1990 17 de março: casa-se com Dórdio Guimarães.

Publica *Sonetos Românticos* (Poesia).

1991 26 de novembro: é feita Grande-Oficial da Ordem da Liberdade, pelo Presidente Mário Soares.

Publica uma segunda edição de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, o que originou uma queixa judicial do editor Fernando

54 Sadowska-Guillon, 1990, pp. 38-39.

Ribeiro de Mello (Afrodite) por quebra unilateral de contrato ainda em vigor. Recebe o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*.

1992 Publica *As Núpcias* (Romance).

Escreve o texto dramático cujo *incipit* é *Falo-te do Extremo Ocidental de uma Europa Raptada pelo Aço e pelo Carvão*.

É cofundadora da FNDC – Frente Nacional para a Defesa da Cultura (com Ana Hatherly, José Saramago, Luiz Francisco Rebello, Fernando de Azevedo, Carlos Lança, Monteiro Gil, Paulo Rocha, Armindo Magalhães, Manuel da Fonseca e Urbano Tavares Rodrigues, entre outros).

1993 Publica *Memória da Sombra*, versos para esculturas de António Matos (Poesia). Publica *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (Poesia Completa), que organizou com a colaboração de João Rubus.

16 de março (madrugada): morre de ataque cardíaco na sua casa em Lisboa, depois de regressar do *Botequim*. É sepultada no Talhão dos Artistas do Cemitério dos Prazeres. A casa e o seu recheio mantêm-se intocados até à morte de Dórdio Guimarães em 1997.

20 de maio: por portaria do Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, é lançada em circulação uma emissão de selos comemorativa da *Europa 96 – Mulheres Célebres*; um deles, com o valor facial de 98\$00 e

uma tiragem de 500 000 exemplares, homenagem Natália Correia.

13 de setembro: inauguração, no Teatro Maria Matos, em Lisboa, da exposição itinerante *Homenagem Nacional a Natália Correia*, promovida pela Fundação Cultural Natália Correia, fundada por Dórdio Guimarães logo após a morte de Natália.

1997 14 de janeiro: testamento de Dórdio Guimarães, que designa como legatários a Sociedade Portuguesa de Autores, a Escola Superior de Belas Artes do Porto, o Governo Regional dos Açores e a Biblioteca Nacional, sendo especificados os bens legados a cada uma destas entidades. O testamento nomeia 16 testamentários, em testamentaria sucessiva, sendo a primeira Helena Roseta.

Naturalmente desconhecendo o teor do testamento, e tendo sido informado de que os manuscritos literários de Natália corriam o risco de dispersão, o então Diretor Regional dos Assuntos Culturais do Governo dos Açores, Luiz Fagundes Duarte, propõe a Dórdio Guimarães a compra pela Região de todo o espólio de Natália, para ser depositado na BPARPD – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Dórdio concordou de imediato, tendo sido iniciados os procedimentos para a concretização do ato de compra e venda. Uma das possibilidades discutidas e aceites foi o pagamento poder ser feito não em dinheiro, mas em géneros: a cedência pela Região de um

apartamento em Ponta Delgada para residência permanente de Dórdio.

2 de julho: morte de Dórdio Guimarães.

1998 28 de julho: celebração de um acordo entre a testamenteira de Dórdio Guimarães e a Direção Regional dos Assuntos Culturais do Governo Regional dos Açores para a trasladação das cinzas de Natália Correia e Dórdio Guimarães para Ponta Delgada, em cumprimento da disposição testamentária.

1999 Março/abril: as coleções de arte do espólio de Natália Correia e Dórdio Guimarães são expostas no Palácio Galveias, em Lisboa, numa iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Lisboa e do Governo Regional dos Açores. **24 de julho:** homenagem a Natália Correia na Fajã de Baixo (Ponta Delgada), organizada por José Manuel dos Santos (Presidência da República) e Luiz Fagundes Duarte (Governo Regional dos Açores), por ocasião da visita aos Açores do Presidente Jorge Sampaio. **Agosto:** por acordo entre o Governo Regional dos Açores e a Biblioteca Nacional, o espólio de Natália Correia é depositado na Biblioteca Nacional para efeitos de inventariação e de separação dos bens a serem distribuídos pelos legatários. O Governo dos Açores contrata uma filóloga — Isabel Cadete Novais — para realizar esta tarefa, que então se estimava demorar cerca de dois anos. **16 de setembro — 17 de outubro:** estreia cénica da peça *D. João e Julieta*, integrando a primeira encenação cénica de

Comunicação (Auto da Feiticeira Cotovia) (Teatro da Trindade, Lisboa).

Publicação da peça *D. João e Julieta* (Teatro), com prefácio de Armando Nascimento Rosa.

Nova publicação de *Poesia Completa. O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (Poesia), com revisão de Dórdio Guimarães.

O manuscrito autógrafo de *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, que oferecera a Ana Maria Adão e Silva em dezembro de 1981, é por esta doado à Biblioteca Nacional. A partir desta peça foi constituída a *Coleção Natália Correia* do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, que foi sendo completada com novas doações e aquisições em leilões.

2000 Publicação de *A Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa* (Ensaio).

2002 Publicação de *Antologia Poética* (Poesia).

2003 Publicação de *Breve História da Mulher e Outros Escritos* (Antologia).

2004 Publicação de *A Estrela de Cada Um* (Antologia de textos de imprensa).

Publicação de *Entrevistas a Natália Correia*, por António de Sousa, Bruno da Ponte, Dórdio Guimarães e Edite Soeiro.

2005 **18 de março – 8 de maio:** estreia cénica da peça *Auto do Solstício de Inverno* (TEC – Teatro Experimental de Cascais, Teatro Municipal Mirita Casimiro, Monte Estoril).

Publicação de *Contos Inéditos e Crónicas de Viagem*.

- 2006 6 de junho:** pela Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 7 / 2006 / A, é-lhe atribuída a Insígnia Autonómica de Reconhecimento.
- 2007** Nova encenação do poema dramático *Comunicação (Auto da Feiticeira Cotovia)*, com o título reduzido para *A Cotovia* (O Bando, Palmela).
- 2009 7-10 de julho:** estreia cénica da peça *O Progresso de Édipo* (Estúdio de Teatro João Mota, Amadora).
- 2010 29 de junho:** é celebrado um segundo protocolo entre a Biblioteca Nacional de Portugal e a Direção Regional da Cultura, através da BPARPD, assumindo esta última a responsabilidade de continuação e conclusão dos trabalhos de tratamento técnico do espólio de Natália Correia e Dórdio Guimarães.
- 2011 Janeiro:** o espólio, com cerca de 25 000 documentos («manuscritos e dactiloscritos, notas de leitura, notas de viagem, textos biográficos, apontamentos diversos, recortes e exemplares de jornais, correspondência, fotografias, cadernos e agendas onde a autora escrevia e tomava notas» [BPARPD]), é transferido da Biblioteca Nacional para a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, onde se encontram sob as referências PT/BPARPD/PSS/NC/NC1 e /DG.⁵⁵

55 Descrições pormenorizadas deste espólio, bem como da sua história arquivística e do método de classificação utilizado,

2013 30 de maio: o Plano Anual Regional para 2013, aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 6 / 2013 / A, da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, determina, em comemoração do 90.º aniversário do nascimento e 20.º da morte de Natália Correia, o princípio da temática anual para todas as atividades culturais açorianas a promover no País, na Europa e na Diáspora.

Publicação de *Sucubina ou a Teoria do Chapéu* (Teatro, em colaboração com Manuel de Lima).

2015 Outubro: em cumprimento de disposição testamentária de Dórdio Guimarães, as cinzas de Natália e Dórdio são trasladadas do Cemitério dos Prazeres para a ilha de São Miguel.

Nova publicação de *Não Percas a Rosa. Diário e Algo Mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975)* (Diário).

2016 27 de maio: as cinzas de Natália e Dórdio são finalmente depositadas num monumento construído para o efeito no jardim interior da BPARPD, encimado por uma

podem ser encontradas em Roseta (1999) e Gameiro (2016). Parte dos livros, dos manuscritos literários mais antigos e das obras de arte que integram o espólio havia pertencido a Manuel Cardoso Marta, amigo da mãe de Natália, que com elas coabitou. Embora persista a ideia de que tais bens haviam sido herdados por Natália ou a ela doados pelo seu antigo proprietário, há documentos que provam que ela adquiriu, por compra, pelo menos parte deles.

reprodução em bronze do busto de Natália da autoria de mestre Martins Correia.

2018 Publicação de *Entre a Raiz e a Utopia. Escritos de Natália Correia sobre António Sérgio* (Ensaio).

2020 14 de dezembro: por deliberação, tomada por unanimidade, da Assembleia Municipal de Ponta Delgada, é aprovado o Regulamento do Prémio Literário Natália Correia.

2023 O centenário do nascimento é comemorado em Portugal e no estrangeiro, com inúmeros colóquios, conferências, debates, exposições, espetáculos teatrais, realização e exibição de filmes, edições da sua obra, etc., sendo de destacar:

Março: publicação de *O Dever de Deslumbrar. Biografia de Natália Correia*, de Filipa Martins. **Setembro:** publicação de *Obra Dramática Completa de Natália Correia*, preparada por Armando Nascimento Rosa, que inclui diversos textos inéditos.

14 de setembro: a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores aprova por unanimidade um voto de saudação pelo centenário do nascimento de Natália Correia. **16 de setembro:** homenagem em plenário da Assembleia da República, com intervenções de deputados de todos os partidos, e representação do governo.

Epílogo

E quando Natália disse:

Não te importe, ó mortal, depois de morto
Desaparecer na curva do caminho.

Teria respondido Fernando Pessoa:

Neófito, não há morte.

Ficou dito mais atrás que Natália morreu triste, porque aquilo de que ela gostava parecia estar a morrer com ela — como se diz que dissera Camões ao morrer. Talvez que a ela se possa aplicar a confiança que nos deixou no prólogo a *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* —

Desatei então a correr para o sítio onde se chora. O sítio onde se chora é na penumbra pensativa. No quarto de estalactites da alma onde se fazem poemas. Mas notei que no meu pranto faltava uma lágrima e essa lágrima era Portugal. Percebi

finalmente que Portugal era eu a chorar trevos de cinza pela Europa⁵⁶

—, e que as lágrimas que lhe corriam no estertor da ditadura em Portugal, quando se não sabia se valeria a pena ter esperança, lhe voltassem a assomar aos olhos vinte anos depois, quando já fenecia a esperança, que entretanto viçara, de que num Portugal enfim livre e democratizado ainda houvesse alguém que lhe ouvisse a voz.

A voz que ela erguera, tudo arriscando — quando a generalidade dos outros se mantinham calados, à imagem dos trezentos escritores portugueses (ena, tantos!) que, em 1965, e depois de a ditadura ter extinto a Sociedade Portuguesa de Escritores por ter atribuído o seu prémio a um escritor que era então preso político, foram sossegar o regime participando num «encontro de escritores» por ele organizado. Enquanto os outros obedeciam, Natália ergueu a voz, disse que não e publicou *O Homúnculo*.

Fernando Dacosta, citado por Filipa Martins, diz que

Natália era um ser muito complexo. Havia aquela Natália que era muito popular, pela televisão, pelos tiques, pelas cabotinices até que ela tinha, as provocações, etc., etc., mas como pensadora, como poeta, como autora, ninguém sabia nada,

56 *Poesia Completa*, 1999, p. 361.

ninguém lia nada, os livros dela foram sempre um fiasco de vendas⁵⁷

— o que naturalmente a terá desgostado. Afinal, a pessoa que durante toda uma vida pública fora abafada por uma esfusiante *persona* por ela construída e que lhe amplificava as palavras que sussurrava ao microfone, bem lá no fundo de si própria sofria as suas dores, e provavelmente se sentiria infeliz. Sofrimento esse que, no entanto, sublimou em textos que alimentam e aconchegam aqueles que os leem, por poucos que sejam; a esses, valerá a pena recordar as palavras de Romain Rolland no prefácio a um seu livro que seria o equivalente a um *Essencial sobre Beethoven*:

Que aqueles que se sentem infelizes não se queixem demasiado: os melhores da Humanidade estão com eles. [...] Flui dessas almas sagradas uma torrente de força serena e de bondade poderosa. Sem ser necessário questionar as suas obras e ouvir as suas vozes, havemos de ler nos seus olhos, na história da sua existência, que a vida nunca é tão grande, tão fecunda — nem tão feliz — como na dor.⁵⁸

Liberta na dor, Natália — todas elas — foi repousar na sua ilha natal onde, fazendo lembrar a chegada de São Brandão à ilha dos Afortunados,

57 Martins, 2023, p. 625.

58 Romain Rolland (2023 [1903]), *A Vida de Beethoven*, prefácio a *Vie de Beethoven*, tradução portuguesa de Isabel Ferreira da Silva, Lisboa, Guerra e Paz Editores.

terá sido recebida por legiões de anjos que cantavam. Ao que ela, imagine-se, terá respondido, declamando:

Creio nos anjos que andam pelo mundo,
Creio na Deusa com olhos de diamantes,
Creio em amores lunares com piano ao fundo,
Creio nas lendas, nas fadas, nos atlantes,

Creio num engenho que falta mais fecundo
De harmonizar as partes dissonantes,
Creio que tudo é eterno num segundo,
Creio num céu futuro que houve dantes,

Creio nos deuses de um astral mais puro,
Na flor humilde que se encosta ao muro,
Creio na carne que enfeitiça o além,

Creio no incrível, nas coisas assombrosas,
Na ocupação do mundo pelas rosas,
Creio que o Amor tem asas de ouro. *Ámen.*

[«Poesia: Ó Véspera do Prodígio!», IV,
Sonetos Românticos]

Creia-se no *ignotus* que foi, e será, Natália
Correia.

Bibliografia

Os livros de Natália

- Grandes Aventuras de um Pequeno Herói*, com ilustrações de Almeida Araújo, Porto, Astra, 1946.
- Anoiteceu no Bairro*, Lisboa, Casa do Livro, 1946.
- Rio de Nuvens. Livro de Poesia de Natália Correia*, prefácio de Campos de Figueiredo, Coimbra, Oficinas da Atlântida, Livraria Editora, 1947.
- Descobri que era Europeia. Impressões de uma Viagem à América*, Lisboa, Portugália, 1951.
- Poemas*, Porto, Edição de Autor, 1955.
- Dimensão Encontrada*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1957.
- O Progresso de Édipo. Poema Dramático*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1957.
- Passaporte*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1958.
- Poesia de Arte e Realismo Poético*, Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, 1958.
- Wozzeck*, de Karl Georg Büchner (título original: *Woyzeck*; tradução, com Rosário Corte-Real), prefácio de Manuel de Lima, Lisboa, Contraponto, 1958.
- Comunicação: em que se da noticia dvma cidade chamada vvlgarmente Lvsitania atraves algvns fragmentos dos oxyrhynchus papyri interpretados pela autora que desejando julgar o seu tempo ousou ler no passado a signa do presente*, Lisboa, Contraponto, 1959.
- Cântico do País Emerso*, Lisboa, Contraponto, 1961.
- A Questão Académica de 1907*, com prefácio de Mário Braga, Lisboa, Minotauro, 1962.
- O Homúnculo. Tragédia Jocosa com Quatro Ilustrações da Autora*, Lisboa, Contraponto, 1965.
- O Vinho e a Lira*, Lisboa, Fernando Ribeiro de Mello / Afrodite, 1966.

- Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: Dos Cancioneiros Medievais à Atualidade*, seleção, prefácio e notas de Natália Correia, com ilustrações de Cruzeiro Seixas, Lisboa, Afrodite, 1966.
- Teatro de Lope de Vega: Peribáñez e o Comendador de Ocaña, O Cachorro do Hortelão e Fuenteovejuna* (tradução), Lisboa, Livraria Civilização, 1967.
- Mátria*, Lisboa, Rios & Irmão, 1968.
- A Madona*, com capa de F. C. E. Lisboa, Lisboa, Editorial Presença, 1968.
- O Encoberto*, com capa de Correia de Pinho, Alfragide, Galeria Panorama, 1969.
- As Maçãs de Orestes*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970.
- Trovas de Dom Dinis*, com ilustrações de Elo-Mafra, Alfragide, Galeria Panorama, 1970.
- Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses*, seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia, arranjo gráfico de Alda Rosa e Eduardo Dias, Lisboa, Editorial Estampa, 1970.
- A Mosca Iluminada*, capa e orientação gráfica de Cidália de Brito Pressler, Lisboa, Quadrante, 1972.
- O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro*, com desenhos de Lino, Lisboa, Editora Ágora, 1973.
- O Surrealismo na Poesia Portuguesa*, organização, prefácio e notas de Natália Correia, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1973.
- A Mulher. Antologia Poética*, coordenação e prefácio de Natália Correia, com ilustrações de Martins Correia, Lisboa, Estúdios Cor, 1973.
- Postes Angulares*, de Henri Michaux, tradução de Natália Correia, Lisboa, Galeria S. Mamede, 1973.
- Uma Estátua para Herodes*, com capa de Manuel Dias, Lisboa, Arcádia, 1974.
- Poemas a Rebate*, com capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975.
- Epístola aos Iamitas*, com capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1976.
- Não Percas a Rosa. Diário e Algo Mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975)*, capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978. Segunda edição, aumentada, por Ângela de Almeida e Vladimiro Nunes, Lisboa, Ponto de Fuga, 2015.

- O Dilúvio e a Pomba*, capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1979.
- Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*, com ilustrações de Ângelo de Sousa, Calvet, Cruzeiro Seixas, Lima de Freitas, Francisco Relógio, Júlio Resende e Paulo Guilherme, Lisboa, Afrodite, 1981. Segunda edição, Lisboa, O Jornal, 1991.
- A Ilha de Sam Nunca. Atlantismo e Insularidade na Poesia de António de Sousa*, organização de Natália Correia, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional dos Assuntos Culturais, 1982.
- Antologia de Poesia do Período Barroco*, introdução e organização de Natália Correia, Lisboa, Moraes Editores / Instituto Português do Livro, 1982.
- Notas para uma Introdução às Cantigas d'Escárnio e de Mal Dizer Galego-Portuguesas*, separata de *Estudos de História de Portugal. Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, I, séculos X-XV, Lisboa, Editorial Estampa / Instituto Português do Livro, 1982.
- A Ilha de Circe*, capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- A Pécora*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- O Armistício*, capa e orientação gráfica de Fernando Felgueiras, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.
- Onde está o Menino Jesus?*, com capa de João Carlos Albernaz, Lisboa, Rolim, 1987.
- Somos Todos Hispanos*, Lisboa, O Jornal, 1988.
- Sonetos Românticos*, com capa de Henrique Cayatte, Lisboa, O Jornal, 1990.
- As Núpcias*, com capa de João Segurado, Lisboa, O Jornal, 1992.
- Memória da Sombra*, versos para esculturas de António Matos, com fotografia do artista, Lisboa, Preto no Branco, 1993.
- O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Lisboa, Projornal, 1993. Segunda edição, *Poesia Completa. O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.
- D. João e Julieta*, com prefácio de Armando Nascimento Rosa, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.
- A Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa*, Lisboa, Edições Tema, 2000.
- Antologia Poética*, organização, prefácio e nota biográfica de Fernando Pinto do Amaral, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002.

- Breve História da Mulher e Outros Escritos*, organização de Zetho Cunha Gonçalves, com prefácio de Maria Teresa Horta, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2003.
- A Estrela de Cada Um*, organização de Zetho Cunha Gonçalves, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2004.
- Contos Inéditos e Crónicas de Viagem*, organização de Zetho Cunha Gonçalves, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2005.
- Sucubina ou a Teoria do Chapéu*, em colaboração com Manuel de Lima, edição de Ângela de Almeida, Clayton Guimarães, Cristina Marinho, Porto, Casa dos Açores do Norte / CETUP – Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto, 2013.
- Entre a Raiz e a Utopia. Escritos de Natália Correia sobre António Sérgio*, edição de Ângela de Almeida e Vladimiro Nunes, Lisboa, Ponto de Fuga, 2018.
- Obra Dramática Completa de Natália Correia*, edição de Armando Nascimento Rosa, Lisboa, Imprensa Nacional, 2023.

Referências

É abundante e diversificada a bibliografia sobre Natália Correia, sobretudo produzida nos meios académicos, onde se encontram ensaios, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre a sua vida e a sua obra. Dado o carácter deste livro, tal bibliografia não cabe nele, mas o leitor interessado poderá encontrar excelentes inventários bibliográficos em Martins (2023) e Rosa (2023).

- ALMEIDA, Ângela (1994), *Retrato de Natália Correia*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- ALMEIDA, Ângela e COSTA, Francisco Rego (2005) (Coord.), *Inmemoriam Natália Correia*, Ponta Delgada, Fórum Cultura.
- AMARAL, Fernando Pinto do; CARVALHO, Gil de; BENTO, José e ROSA, Manuel (1988), *A Phala. Um Século de Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- AZEVEDO, Fernando e MADEIRA, José Luís (1999) (Coord.), *Natália. Arte e Poesia*, catálogo da exposição homónima, com textos de Maria Calado, Luiz Fagundes Duarte, Mário

- Soares, Helena Roseta, Lauro António, Manuel de Brito e Fernando de Azevedo; fotografias de José Luís Madeira, Lisboa / Angra do Heroísmo, Câmara Municipal de Lisboa / Governo dos Açores.
- CORREIA, Natália (1971), «Assim se faz a Literatura», *Notícia*, Luanda, 29 de maio; reproduzido em *A Estrela de Cada Um*, organizada por Zetho Cunha Gonçalves, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2004, pp. 43-44.
- (1981), *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente: (Peça em Três Atos sobre a Grandeza e Danos do Português Luís de Camões, em que Todos, Dolorosa e Magnificamente, Nos Achamos)*, Coleção Natália Correia, Esp. N65 / 1, Lisboa, Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, Biblioteca Nacional de Portugal.
- (1993), «Introdução» a *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, I, Lisboa, Projornal.
- COSTA, Ana Paula (2005), *Natália Correia: Fotobiografia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CRUZ, Gastão (1961), «Recensão a *Cântico do País Emerso*», *Jornal de Letras e Artes*, n.º 929, novembro.
- DACOSTA, Fernando (2013), *O Botequim da Liberdade*, Lisboa, Casa das Letras.
- DUARTE, Luiz Fagundes (2019), «Irada na Alva Beleza Se Excede: Quatro Momentos com Natália», *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, 41, Lisboa, CICS – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, pp. 29-45.
- GAMEIRO, Odília Alves (2016), *Natália Correia (1923-1993). Memórias Guardadas. Silêncios e Ênfases nos Arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães*, Ponta Delgada, Edições A&B, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- GONÇALVES, Rui (1557), *Dos priuilegios & prærrogatiuas que ho genero feminino tem por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*, Lisboa, João Barreiro, Tipógrafo. Segunda edição, Lisboa, Oficina de Filipe da Silva Azevedo, 1785. Edição fac-similada, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992.
- MARQUES, António de Oliveira (1986), *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, Lisboa, Delta.

- MARTINS, Filipa (2023), *O Dever de Deslumbrar. Biografia de Natália Correia*, Lisboa, Contraponto Editores.
- MERGULHÃO, Humberto de (1944), «Uma Poetisa Açoreana cantou na Emissora Nacional e é Locutora de Rádio Clube Português», *O Século Ilustrado*, Lisboa, 29 de abril, p. 22.
- NEMÉSIO, Vitorino (1961), «Prefácio: Da Poesia», in *Poesia (1935-1940)*, Lisboa, Livraria Morais. Nova edição: *Poesia (1916-1940)*, Obras Completas de Vitorino Nemésio, *Poesia I*, Lisboa / Lajes do Pico, Imprensa Nacional / Companhia das Ilhas, pp. 111-121.
- (2003), *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*, Obras Completas de Vitorino Nemésio, Lisboa, Imprensa Nacional,.
- PORTO, Carlos (1985), «Recensão a *A Pécora*», *Colóquio / Letras*, n.º 87, setembro, pp. 98-100.
- PROUST, Marcel (c. 1908-1909), «La méthode de Sainte-Beuve», in *Contre Sainte-Beuve*, Paris, Gallimard, 1954. Edição portuguesa: *Contra Sainte-Beuve*, tradução e notas de Manuel de Freitas, introdução de Miguel Tamen, Lisboa, Imprensa da Universidade de Lisboa, 2021.
- QUEIROZ, Eça de (1893), «Ecos de Paris», *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de julho.
- (1992), *A Capital! (começos duma carreira)*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- QUENTAL, Antero de (1883), «Romance de Goesto Ansures», in *Thesouro Poetico da Infancia. Colligido e ordenado por [...]*, Porto, Ernesto Chardron, pp. 161-163. Agora em *Poesia III. Poemas Dispersos, Alterados ou Destruídos*, Lisboa, Abysmo / Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, 2018, pp. 152-153 e 363-364.
- (1989), *Cartas*, I-II, edição de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Editorial Comunicação / Universidade dos Açores.
- ROCHA, Clara (2000), «Recensão a *Poesia Completa*», *Colóquio / Letras*, n.º 157, julho, pp. 387-388.
- ROLLAND, Romain (2023 [1903]), *A Vida de Beethoven*, prefácio a *Vie de Beethoven*, tradução portuguesa de Isabel Ferreira da Silva, Lisboa, Guerra e Paz Editores.
- ROSA, Armando Nascimento (2023), «Eros e Pólis, Poesia e Utopia: Um Olhar sobre a Dramaturgia Nataliana», introdução crítica a *Obra Dramática Completa de Natália Correia*, Lis-

- boa, Imprensa Nacional, Biblioteca de Autores Portugueses, pp. 11-163.
- ROSETA, Helena (1999), *O Espólio de Natália Correia. Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, série 3, n.º 5, out. 1999 – abr. 2000, Lisboa, pp. 27-32.
- SADOWSKA-GUILLON, Irène (1990), «Europe théâtrale: 1^{er} Festival de la Convention Théâtrale Européenne», *Jeu, revue de théâtre*, 55, Montréal, pp. 35-39.
- SOUSA, António; PONTE, Bruno da; GUIMARÃES, Dórdio e SOEIRO, Edite (2004), *Entrevistas a Natália Correia*, organização de Zetho Cunha Gonçalves, Lisboa, Parceria A. M. Pereira.
- TOPA, Francisco (2015), «A Sádica Nostalgia das Fogueiras do Santo Ofício: o Processo Judicial contra a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*», *Historiæ*, vol. 6, n.º 1, Rio Grande, pp. 122-141.

O Essencial sobre

- 1 **Irene Lisboa**
Paula Morão
- 2 **Antero de Quental**
Ana Maria A. Martins
- 3 **A Formação da Nacionalidade**
José Mattoso
- 4 **A Condição Feminina**
Maria Antónia Palla
- 5 **A Cultura Medieval Portuguesa (Sécs. XI a XIV)**
José Mattoso
- 6 **Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa**
Jorge Dias
- 7 **Josefa d'Óbidos**
Vitor Serrão
- 8 **Mário de Sá-Carneiro**
Clara Rocha
- 9 **Fernando Pessoa**
Maria José de Lancastre
- 10 **Gil Vicente**
Stephen Reckert
- 11 **O Corso e a Pirataria**
Ana Maria P. Ferreira
- 12 **Os «Bebés-Proveta»**
Clara Pinto Correia
- 13 **Carolina Michaëlis de Vasconcelos**
Maria Assunção Pinto Correia
- 14 **O Cancro**
José Conde
- 15 **A Constituição Portuguesa**
Jorge Miranda
- 16 **O Coração**
Fernando de Pádua
- 17 **Cesário Verde**
Joel Serrão
- 18 **Alceu e Safo**
Albano Martins
- 19 **O Romanceiro Tradicional**
J. David Pinto-Correia
- 20 **O Tratado de Windsor**
Luís Adão da Fonseca
- 21 **Os Doze de Inglaterra**
A. de Magalhães Basto
- 22 **Vitorino Nemésio**
David Mourão-Ferreira
- 23 **O Litoral Português**
Ilídio Alves de Araújo
- 24 **Os Provérbios Medievais Portugueses**
José Mattoso
- 25 **A Arquitectura Barroca em Portugal**
Paulo Varela Gomes
- 26 **Eugénio de Andrade**
Luís Miguel Nava
- 27 **Nuno Gonçalves**
Dagoberto Markl
- 28 **Metafísica**
António Marques
- 29 **Cristóvão Colombo e os Portugueses**
Avelino Teixeira da Mota

- 30 **Jorge de Sena**
Jorge Fazenda Lourenço
- 31 **Bartolomeu Dias**
Luís Adão da Fonseca
- 32 **Jaime Cortesão**
José Manuel Garcia
- 33 **José Saramago**
Maria Alzira Seixo
- 34 **André Falcão de Resende**
Américo da Costa Ramalho
- 35 **Drogas e Drogados**
Aureliano da Fonseca
- 36 **Portugal e a Origem
da Liberdade dos Mares**
Ana Maria Pereira Ferreira
- 37 **A Teoria da Relatividade**
António Brotas
- 38 **Fernando Lopes-Graça**
Mário Vieira de Carvalho
- 39 **Ramalho Ortigão**
Maria João L. Ortigão
de Oliveira
- 40 **Fidelino de Figueiredo**
A. Soares Amora
- 41 **A História das Matemáticas
em Portugal**
J. Tiago de Oliveira
- 42 **Camilo**
João Bigotte Chorão
- 43 **Jaime Batalha Reis**
Maria José Marinho
- 44 **Francisco de Lacerda**
J. Bettencourt da Câmara
- 45 **A Imprensa em Portugal**
João L. de Moraes Rocha
- 46 **Raul Brandão**
A. M. B. Machado Pires
- 47 **Teixeira de Pascoaes**
Maria das Graças Moreira
de Sá
- 48 **A Música Portuguesa
para Canto e Piano**
José Bettencourt da Câmara
- 49 **Santo António de Lisboa**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
- 52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional
Portuguesa**
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**
Joaquim Domingues

- 62 **O Cancioneiro Narrativo Tradicional**
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **Miguel Torga**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 66 **Almada Negreiros**
José-Augusto França
- 67 **Eduardo Lourenço**
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**
Arnaldo de Pinho
- 69 **Mouzinho da Silveira**
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**
Carlos Leone
- 78 **Filosofia Política Medieval**
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 82 **Filosofia Política Moderna**
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiguidade Clássica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França

- 93 **Averróis**
Catarina Belo
- 94 **António Pedro**
José-Augusto França
- 95 **Sottomayor Cardia**
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa
(Sécs. XIX e XX)**
António Braz Teixeira
- 101/ **O Padre António Vieira**
102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária
Portuguesa (até 1940)**
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política
Contemporânea (1887-1939)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política
Contemporânea
(desde 1940)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro
Infantil e Juvenil
de Transmissão Oral**
Carlos Nogueira
- 112 **Ritmanálise**
Rodrigo Sobral Cunha
- 113 **Política de Língua**
Paulo Feytor Pinto
- 114 **O Tema da Índia
no Teatro Português**
Duarte Ivo Cruz
- 115 **A I República
e a Constituição de 1911**
Paulo Ferreira da Cunha
- 116 **O Capital Social**
Jorge Almeida
- 117 **O Fim do Império Soviético**
José Milhazes
- 118 **Álvaro Siza Vieira**
Margarida Cunha Belém
- 119 **Eduardo Souto Moura**
Margarida Cunha Belém
- 120 **William Shakespeare**
Mário Avelar
- 121 **Cooperativas**
Rui Namorado
- 122 **Marcel Proust**
António Mega Ferreira
- 123 **Albert Camus**
António Mega Ferreira
- 124 **Walt Whitman**
Mário Avelar

- 125 **Charles Chaplin**
José-Augusto França
- 126 **Dom Quixote**
António Mega Ferreira
- 127 **Michel de Montaigne**
Clara Rocha
- 128 **Leonardo Coimbra**
Ana Catarina Milhazes
- 129 **Pablo Picasso**
José-Augusto França
- 130 **O Diário da República**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 131 **Vergílio Ferreira**
Helder Godinho
- 132 **A Companhia Nacional de Bailado**
Mónica Guerreiro
- 133 **Os Ballets Russes em Lisboa**
Maria João Castro
- 134 **Dante Alighieri**
António Mega Ferreira
- 135 **O Teatro de Henrique Lopes de Mendonça**
Duarte Ivo Cruz
- 136 **Mário Cláudio**
Martinho Soares
- 137 **Viana da Mota**
Bruno Caseirão
- 138 **A Língua Portuguesa como Ativo Global**
Luís Reto, Nuno Crespo,
Rita Espanha, José Esperança
e Fábio Valentim
- 139 **Teolinda Gersão**
Annabela Rita e Miguel Real
- 140 **Os Salvadores Portugueses**
Margarida de Magalhães
Ramalho
- 141 **Aristides de Sousa Mendes**
Cláudia Ninhos
- 142 **Os Portugueses no Sistema Concentracionario do III Reich**
Fernando Rosas (coordenação),
Ansgar Schaefer, António
Carvalho, Cláudia Ninhos
e Cristina Clímaco
- 143 **A Seara Nova**
Luís Andrade
- 144 **O Diário de Lisboa**
Cláudia Lobo
- 145 **Charles Baudelaire**
Jorge Fazenda Lourenço
- 146 **Ruben A.**
Fernando Pinto do Amaral
- 147 **Hamlet**
Maria Sequeira Mendes
- 148 **A Constituição de 1822**
António Pedro Barbas Homem
- 149 **As Três Marias**
Joana Meirim
- 150 **Philip Roth**
Mário Avelar
- 151 **Manuel Maria Barbosa du Bocage**
Daniel Pires
- 152 **José Saramago**
Carlos Reis e Sara Grünhagen
- 153 **A PIDE**
Irene Flunser Pimentel

154 **O IPO Lisboa**

Helena da Silva

155 **O Surrealismo Português**

Clara Rocha

O livro **O ESSENCIAL SOBRE
NATÁLIA CORREIA**
é uma edição da
IMPRESA NACIONAL
tem como autor
LUIZ FAGUNDES DUARTE
edição de
SUSANA ARNAUD
revisão de
ANA ISABEL ALBUQUERQUE
paginação de
NUNO LEITÃO
design e capa do ateliê
SILVADESIGNERS
Tem o ISBN 978-972-27-3233-8
e o depósito legal 534 201/24.
A primeira edição
acabou de ser impressa no mês de **agosto**
do ano **DOIS MIL E VINTE E QUATRO**
na **IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA.**
CÓD. 1026707

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

impresanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/impresanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

Natália Correia

Luiz Fagundes Duarte

Nascida nos Açores (13 de setembro de 1923), Natália Correia foi uma personalidade incontornável na vida cultural, social e política portuguesa da segunda metade do século XX: ela foi radialista, cronista, jornalista, interventora social, defensora dos direitos da mulher, libertária, polemista, editora, diretora de jornais e revistas, dramaturga, romancista, contista, tradutora, guionista de óperas e de filmes e programas de televisão, deputada, ensaísta, crítica demolidora de figuras políticas, e foi, sobretudo, autora de uma preciosa obra poética que reuniu no livro *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias* (1993). Foi vítima de censura tanto durante o Estado Novo como no período que se seguiu ao 25 de Abril, e até mesmo em Democracia. Morreu em Lisboa (16 de março de 1993), triste e desiludida, convencida de que aquilo de que gostava e as causas por que lutara estavam a morrer com ela.

ISBN 978-972-27-3233-8



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO